



# PORTUGAL DEMOCRATICO

Ano III • N.º 27 • São Paulo, Agosto de 1959 • Cr\$5,00

## Um Jornal e um Movimento

A onda anti-salazarista que está alastrando, irreprimível, por todo o Mundo onde vivem Portugueses tem, não há dúvida, a sua origem primeira nas manifestações de simpatia com que foi acolhida, há pouco mais de um ano, a candidatura nacional e independente do General Humberto Delgado.

Ninguém duvida também de que a força desse movimento se deve, em boa parte, aos esforços da imprensa democrática mundial e, particularmente, do "Portugal Democrático", jornal que, a pouco e pouco, foi polarizando a ação dos núcleos democráticos lusos de todos os Continentes, a ponto de se transformar, de fato, no órgão mais eficiente da luta anti-salazarista.

A prova irrefutável desta afirmação encontra-se nos diversos números da coleção deste mensário, notadamente a partir da edição de julho findo, quando começamos a dar expressivo relevo à atuação de "comitês" e associações que recentemente se fundaram longe da Mãe-Pátria, animados todos do propósito único de contribuírem para a rápida redemocratização de Portugal. No presente número, insiste-se e acentua-se a importância dessas atividades.

Podemos indicar sem pecado de exagero que das mais longínquas regiões do globo estão afluindo à redação de "Portugal Democrático" as mais inequívocas manifestações de estímulo e apreço, individuais e coletivas, oferecendo irrestrita solidariedade não apenas ao nosso jornal, mas também, e sobretudo à Causa em que se empenharam todos os Democratas Portugueses, isto é, à reunião de forças visando derrubar, tão breve quanto possível, o odioso e por demais prolongado domínio do regime fascista de Salazar.

Vindo ao nosso encontro, oferecendo ao nosso jornal a sua incondicional colaboração, os Portugueses espalhados pelo Mundo estão proporcionando-nos os meios eficazes de levarmos a toda a parte uma voz democrática ao serviço de Portugal, pois a sua adesão solidifica também o grande movimento anti-salazarista do Exterior, permitindo-nos vibrar, cada vez com mais energia, os golpes que hão-de fazer cair a ditadura sanguinária que há cerca de trinta anos oprime todo o Povo Português.

Assim, hoje mais do que nunca, "Portugal Democrático" consubstancia as ambições de todos os Portugueses, pois se transformou no maior porta-voz dos nossos líderes democráticos fixados em Portugal e no estrangeiro, ao mesmo tempo que está possibilitando aos militantes anti-salazaristas sem exceção, desde os mais cotados intelectualmente aos mais humildes, os meios de testemunharem a sua dedicação pela nossa Pátria humilhada mas não desvirilizada.

Somos cada vez mais e, ao acorrermos ao campo de batalha, tornar-nos-emos ainda melhores combatentes. É o que estamos observando na Venezuela, onde os democratas portugueses se agigantam e aperfeiçoam os seus métodos de combate; é o que vem ocorrendo na Argentina, onde os nossos compatriotas se afirmam galvanizados pelo ardor de Henrique Galvão; são as organizações anti-fascistas que surgem quase do nada, no Canadá e em França, e esperamos que muito em breve nos Estados Unidos, na Inglaterra e onde quer que vivam portugueses, patriotas. E são, finalmente, as organizações que, no Brasil, sob o comando do General Delgado, vão aperfeiçoar-se e alargar-se.

A todos estes agrupamentos e a todos os seus orientadores e militantes, "Portugal Democrático" abre, fraternalmente, as suas colunas. O nosso movimento progride. Vamos unificá-lo. Vamos preparar-nos para destruir a ditadura salazarista. Com firme esperança na liberdade que voltará a iluminar Portugal.

### PORTUGAL DEMOCRATICO

## O Prof. Ruy Luis Gomes foi homenageado pelos portugueses de São Paulo



O Prof. Ruy Luis Gomes em São Paulo, acompanhado pelo Comte Sarmiento Pimentel.

Depois de ter participado, em Poços de Caldas, nos trabalhos do II Colóquio Brasileiro de Matemática, passou por São Paulo, onde permaneceu dois dias, o Prof. Ruy Luis Gomes, figura bem conhecida de todos os portugueses e lecionando recentemente um curso especial de Física e Matemática na Universidade de Bahia Blanca (Argentina). A notícia da sua chegada breve se espalhou e, assim, dezenas de portugueses o foram cumprimentar ao hotel onde se encontrava hospedado. Entretanto, no dia 20 à noite, o Prof. Ruy Luis Gomes foi homenageado com um jantar, que se realizou no Restaurante Esplanada e ao qual assistiram cerca de 40 pessoas. O destacado cientista estava ladeado pela sra. D. Maria Aparecida Ribeiro Bastos e pela sra. D. Maria Helena Cruz e pelos srs. Comandante Sarmiento Pimentel, Rafael Duarte Leite, Joaquim Ribeiro Bastos e eng.ª Ricca Gonçalves.

Em nome dos portugueses de São Paulo, usou da palavra o sr. Comandante Sarmiento Pimentel, que salientou a personalidade científica e humanística do Prof. Ruy Luis Gomes e bem assim a alta representação que da Cultura Portuguesa vem fazendo no estrangeiro, conforme se verificou pelo convite que recebeu para ensinar na Universidade do Sul (Bahia Blanca) e ainda pelo fato de ter sido um dos três cientistas lusitanos que estiveram presentes, por especial distinção do Brasil, no Colóquio Brasileiro de Matemática.

Emocionado pela espontânea manifestação de apreço que lhe demonstraram os portugueses da Capital Bandeirante, o Prof. Ruy Luis Gomes agradeceu-a, sublinhando, aliás, a presença de alguns nortenhos no jantar. Evocou, em seguida, o papel da juventude portuguesa no futuro do nosso País e disse que nela depositava todas as esperanças.

Não houve mais discursos. No entanto, os presentes, ao saberem que o Prof. Ruy Luis Gomes recebera um convite para trabalhar numa Universidade do Brasil, afirmaram-lhe toda a satisfação por esse fato, esperando que o grande cientista se fixe entre nós. Antes de terminar a simples e improvisada reunião, pois não houve tempo para se oferecer ao Prof. Ruy Luis Gomes a homenagem que efetivamente merecia, o Comandante Sarmiento Pimentel

tel indicou que à manifestação se associavam o sr. general Humberto Delgado — que telegrafou nesse sentido —, a escritora Maria Archer e o jornalista Carlos Maria de Araújo, os quais não puderam participar no jantar por motivos de força maior.

### O QUE DISSE A IMPRENSA

Os mais importantes jornais paulistas referiram-se com o maior apreço à passagem do Prof. Ruy Luis Gomes pela Capital dos Bandeirantes. "O Estado de S. Paulo" escreveu, nomeadamente, que "o sr. Ruy Luis Gomes foi professor de física e matemática na Universidade do Porto, de 1933 a 1947. Em 1953, recebeu o Prêmio "Arthur Malheiros" da Academia de Ciências de Lisboa, por um trabalho intitulado "As relações entre o integral de Riemann e o integral de Lebesgue".

O sr. Ruy Luis Gomes é, em Portugal, um dos líderes do movimento anti-salazaristas. Em 1947, quando lecionava física e matemática na Universidade do Porto, foi demitido, depois de rumoroso processo, por haver protestado contra a prisão de estudantes universitários. Em 1945 fôra eleito presidente do Comitê da Cidade do Porto do Movimento de Unidade Democrática que agrupava várias correntes políticas contrárias ao Governo. Por ter-se recusado a declinar à Polícia os nomes das pessoas que assinaram listas de apoio ao MUD, foi preso. Mais tarde, em 1949, foi eleito presidente da Comissão Central do MUD; no ano seguinte foi preso, e mais tarde foi absolvido em julgamento. Em 1951 foi candidato da oposição à Presidência da República, mas o Governo recusou-se a reconhecer-lhe a candidatura. Em 1954, a Polícia portuguesa apreendeu um documento do MUD enviado para publicação e prendeu todos os seus signatários, entre os quais se encontrava o prof. Ruy Luis Gomes. Depois de um processo, foi condenado a dois anos de prisão. Cumprida a pena, recebeu proposta para trabalhar na Universidade de Bahia Blanca.

Ontem, ao chegar a São Paulo, o prof. Ruy Gomes foi recebido por compatriotas aqui residentes e pelo capitão João Sarmiento Pimentel, presidente do Comitê de Intelectuais Pró-Liberdade de Expressão em Portugal. Amanhã à noite, o prof. Ruy

Gomes deverá participar de um jantar íntimo com amigos portugueses anti-salazaristas de São Paulo".

### "EM LIBERDADE CONDICIONAL O EX-LÍDER POLÍTICO"

Embora o Prof. Ruy Luis Gomes, ao ser procurado pela imprensa, tivesse indicado aos jornalistas que, longe de Portugal há cerca de um ano, não podia comentar os acontecimentos ultimamente registrados em nosso País, os "Diários Associados" (da cadeia do sr. Assis Chateaubriand) insistiram em ouvi-lo. Transcrevemos, na íntegra, a entrevista que o "Diário da Noite" publicou em sua edição de 21 de julho:

"Encontra-se em São Paulo, de passagem, o professor Ruy Luis Gomes, ex-candidato à presidência da República de Portugal, cuja atividade política, em seu país, prende-se a uma participação ativa em movimentos realizados desde o ano de 1945, exercendo o mesmo a presidência do MUD e do MND, e integrando, na qualidade de membro da Comissão Distrital do Porto, a união dos que apoiavam a candidatura do general Norton de Matos.

Em 1945, em companhia de Virgínia Moura, Lobão Vital, José Morgado e Albertino de Macedo, foi condenado a 5 anos de liberdade condicional, por assinar, em conjunto com a Comissão Central do Movimento Nacional Democrático, a publicação de documentos considerados pelo regime vigente como "notícias tendenciosas". Tais publicações tratavam de problemas educacionais, saúde pública, economia e liberdade fundamentais.

A situação política existente na ocasião, o professor Luis Gomes a definiu, em 1956, ao fazer parte, na qualidade de testemunha, do processo instaurado contra o jornalista David de Carvalho. Inquirido em respeito ao Regime Português, respondeu: "O próprio presidente do Conselho, afirmou, em discurso realizado há tempos atrás, ser este regime anti-democrático e anti-liberal". Impedido de continuar a depor, ante esta declaração, tida por um desrespeito ao presidente do Conselho, foi recolhido à prisão do Lameiro por três dias.

Em entrevista concedida à reportagem dos "Diários", o professor Luis Gomes declara encontrar-se, no momento, ocupado em assuntos científicos, e, principalmente em pesquisas de ordem matemática.

### "Voltarei a Portugal"

— "Saí de minha pátria — decaíra o entrevistado — munido de passaporte regular, pelo prazo de dois anos, a fim de tomar posse da cadeira de matemática na "Universidade del Sud", Argentina, para a qual fôra convidado.

Já em Portugal dedicava-me a essa matéria e, as obras que escrevi, quando lá me encontrava, participaram da exposição "Dos trinta anos de Cultura Portuguesa".

Pretendo voltar ao Porto, no fim do ano. Uma das principais razões que a isso me levam, consiste na visita a meu pai, Antônio Luis Gomes tendo sido o mesmo o primeiro embaixador da República Portuguesa no Brasil. Atualmente é ele o único sobrevivente do governo provisório da República".

### Futuro promissor para o Brasil

— "Embarquei para o Brasil — diz o professor Luis Gomes — com intenção de assistir à reunião, realizada em Poços de Caldas, entre os matemáticos desta terra. Tive oportunidade de conhecer nesse local, um movimento científico que reputo de extraordinária importância. Assisti a conferências, palestras, convenções e verifiquei a presença de pesquisadores jovens, cujo entusiasmo vem sustentando a modificação realizada no campo da matemática e o ser incremento.

Meu contato, no que diz respeito aos problemas de ordem política, social e financeira, foram nulos; visitei apenas algumas indústrias e, constatei o baixo estado de vida aqui existente, com relação ao do Portugal.

O desenvolvimento impressionante desta Nação nos faz erer em um futuro deveras promissor".





# Portugal de Salazar

## Radiografia do Regime

SANTANA MOTA

O Hospital de Santa Maria, de Lisboa, edifício suntuoso por cujas dimensões o turista e a propaganda usam afeirir o progresso da medicina em Portugal, foi paleo, no dia 20 de junho, de uma assembléa extraordinária da Secção Regional da Ordem dos Médicos para leitura e discussão do relatório elaborado por uma comissão incumbida em 1958 de proceder a um estudo sobre a carreira médica naquele país. É um relatório de cem páginas e abrange todo o resultado de um inquerito profundo realizado pelos vinte médicos da comissão junto de todos os seus colegas portugueses. Trata-se, portanto, de um documento insuspeitíssimo, já que estritamente obedeceu a precauções e objetivos de ordem essencialmente científica. Nem poderia passar pela cabeça de ninguém que a Ordem dos Médicos de Lisboa incumbisse vinte elementos seus de procederem a um trabalho daquele generoso com meros intuitos demagógicos.

A primeira parte do relatório ocupa-se ligeiramente do estado sanitário do país e chega à conclusão de que, "descontando os benéficos efeitos da terapêutica medicamentosa", a atividade anti-infecciosa em Portugal limita-se, como há 50 anos atrás, a contra-atacar, eficientemente ou não, as "vagas mais ou menos ameaçadoras dos surtos epidêmicos". Extintos estes, "regressa-se à apatia, até que, por aumento dos indivíduos susceptíveis, se renovam as condições de recrudescência".

Relativamente à luta antituberculosa, diz o relatório: "Portugal é o país da Europa com o índice de mortalidade por tuberculose mais elevado, pois que é oficialmente (1957) de 50 por 100.000 habitantes, enquanto em todos os outros países vai de 40 por 100.000 (Espanha e Irlanda do Norte) até 5 na Holanda. Acresce ainda que aos 58 óbitos por 100.000 é necessário adicionar todos os óbitos por tuberculose não diagnosticada e incluídos nos demais 40 por cento de indivíduos que, nas regiões rurais, morrem sem assistência médica, isto é, sem que se saiba de que morrem".

Acresce a mortalidade infantil, não hesita o relatório em classificá-la como um "dos aspectos mais sombrios da sanidade nacional". E acrescenta: "Ainda em 1957 o nosso índice foi de 88 óbitos de menores de um ano por 1.000 natos vivos, enquanto que a média de 102 países não passou de 50. Além disso, a nato-mortalidade, a mortalidade neonatal e de crianças menores de um ano atingem igualmente níveis altíssimos, o que demonstra uma situação que chega a ter foros de vexame nacional. Nem outra coisa era de esperar — acentua o relatório — quando se recorda que, ainda em 1957, a percentagem de grávidas sem qualquer assistência qualificada, durante ou depois do parto, se elevou quase a cem por cento em alguns conselhos e que a média de todo o país foi de 60 por cento. Acrescenta-se, por outro lado, que a assistência infantil é praticamente nula na grande maioria dos conselhos rurais".

Vamos deixar de lado as soluções propostas pelo relatório, porque essas não nos interessam para o caso. O que particularmente nos interessa agora é a perfeita coincidência do relatório médico com os do último relatório do Banco de Portugal. Nos últimos dias do mês de maio publicou este jornal, na sua secção econômica, um pequeno comentário sobre a economia portuguesa. Houve quem não gostasse, porque há uma tendência mórbida em muita gente para preferir que a iluda uma propaganda mentirosa a que a esclareça a veracidade dos números. Mas o certo é que os algarismos que extraímos do relatório do Banco de Portugal são a confirmação das conclusões a que chegaram os autores do relatório médico. Diz o Banco de Portugal que, em 1958, o gado abatido no país inteiro, incluindo bovinos, ovinos, caprinos, e suínos, correspondeu a 90.545 toneladas de carne limpa. Em face deste número, concluiu o comentarista do "Estado" que, para nove milhões de habitantes metropolitanos, sem falar da população flutuante de turistas e tripulações de esquadras estrangeiras, as 90.545 toneladas de carne correspondem a 11 quilos por ano por habitante. Dizia o comentarista que um povo alimentado desta forma não pode gozar de uma saúde por aí além. E que não pode, aí está agora o relatório dos médicos, baseado em números oficiais, a informar-nos que, em Portugal, o índice da mortalidade por tuberculose é o mais elevado de toda a Europa. Há ou não concor-

dância entre o que diz a finança e o que diz a medicina?

Mas não é só nesse ponto que os dois relatórios reciprocamente concordam. Pelo do Banco de Portugal vimos que o orçamento português destinou no ano passado 743 milhões de escudos para o Exército, 879 milhões para a polícia política, propaganda e outros digníssimos setores do Ministério do Interior, e que apenas teve para Corporações e Previdência Social a miserável soma de 34 milhões. Não será exatamente por isso que os médicos se queixam de que nas zonas rurais as pessoas morrem "sem que se saiba de que morrem" e de que o nível vexatório da mortalidade infantil se deve à absoluta falta de assistência à infância e à mulher grávida?

Não atinamos, francamente, com os méritos que tanta gente descobre num governo que, ao cabo de 33 anos de regime discrecional, apresenta uma tão lamentável folha de serviços: quebra no rendimento nacional, aumento dos impostos, 11 quilos de carne para cada habitante por ano, o mais alto nível de mortalidade por tuberculose e de mortalidade infantil e uma assistência médica em que as pessoas morrem sem se saber de quê. Em contraposição a tantos dados negativos, o que é que esse governo apresenta realmente na coluna do seu haver? — Ordem, uma moeda estável, boas estradas e algumas barragens. Analisemo-las uma por uma e vejamos se elas valem o que aparentemente demonstram ser. A ordem, todos conhecem o caráter dela. É exatamente igual à de um campo de concentração onde é vedado aos detentos qualquer espécie de crítica ao comportamento dos guardas e falar num tom de voz mais alto do que o regulamento prescreve. É a ordem essencial e indispensável a todos os tiranos. Quebrada ela, não há prestígio, não há propaganda, não há polícia que lhes valha. Experimente o governo português abrir mão, só por um mês, da rigorosa vigilância que exerce sobre os jornais; deixe-os criticar abertamente a sua obra e desvendem as bandalheiras que se cometem; recolha toda a polícia política ao casarão de S. Luis e garanta a impunidade a quem provar as públicas acusações que fizer — e apostaremos dobrado contra singelo em como essa ordem se esboroa como um castelo de cartas. Portanto, é uma ordem falsa como o governo que a mantém. Vejamos a estabilidade da moeda. A estabilização da moeda resulta do equilíbrio entre os meios de pagamento e o Produto real do país. Se aqueles aumentam num sentido desproporcionalmente maior ao deste último, dá-se a depreciação do poder aquisitivo da moeda e, conseqüentemente, o encarecimento dos preços. A função administrativa do governo está, portanto, em procurar que esse equilíbrio se mantenha o mais possível. Mas quererá isto dizer que a estabilização da moeda deva ser o objetivo principal de um governo? Poucos serão os economistas que se arriquem a afirmá-lo. Parece-nos, pelo contrário, que se pode ser um ótimo governo com moeda fraca e um péssimo governo com moeda forte. Tudo depende do crédito que ele ponha no promover uma ou outra coisa. É um bom governo, por exemplo, o que, tendo por escopo a elevação constante do "standard" de vida nacional, puser toda a sua ação e inteligência no estímulo à exploração das fontes de riqueza interna e ao incremento da produção real. Para isso terá, necessariamente, de recorrer a emissões suplementares, já que os meios de pagamento correspondem exatamente às necessidades normais do crédito. Emitindo, obviamente, que diminui o poder aquisitivo da moeda enquanto as obras de fomento a que as novas emissões se destinam não produzirem riqueza equivalente ao valor do dinheiro que se emitiu. Mas haverá possibilidade de aumentar a riqueza de outro modo? E não será, antes, um péssimo governo o que, preocupado com a estabilização da moeda, impede que a economia se desenvolva e que o país saia da miséria recomendada em que vegeta?

É inegável que a moeda portuguesa tem o seu valor estabilizado. Mas estabilizado à custa de quem? Das classes dirigentes, não: ainda não há muito que um dos seus elementos festejou com ruidosa recepção o arredondamento da sua fortuna em dois bilhões de escudos, soma que nenhum capitalista em Portugal amalhara antes nem teria o arrojo de festejar. Por isso mesmo é que, de passagem por Lisboa, há dois anos, nos vimos assediados por um exército de cegos, todos eles com

uma caixinha de metal para as esmoladas, cuja chave, disseram-nos, ficava depositada no Governo Civil, única entidade autorizada a abrir a caixa ao fim do dia, a contar as esmoladas e a reparti-las pelo cego e pelo... Governo Civil. Dirão que isto é verrina dos opositoristas. Será. Mas não nos custa nada a acreditar pelo seguinte: no aeroporto de Lisboa está — estava, pelo menos, quando lá passamos — uma caixa de vidro, semelhante a uma caixa de correio, quase cheia de cédulas de várias procedências, ali deixadas em atenção ao apelo do Governador Civil, que tivera o cuidado de afixar na caixinha uma tabuleta pedindo a todos os turistas e passageiros que depositassem nela, para os pobres da capital portuguesa, os trocadinhos que lhes sobrassem das suas despesas em Lisboa! Um governo que não se envergonha de esmolalar publicamente, terá reboço porventura de se apoderar de metade das esmoladas dos seus cegos?!

Desistimos de falar das estradas e das barragens; as primeiras porque têm os turistas que as decantam; as segundas porque a sua eficiente aplicação está eloquentemente demonstrada pelo alto desenvolvimento agrícola e industrial do país. Não negamos que venham a ser úteis, um dia; por enquanto, a utilidade que têm é a de ilustrarem os boletins do Secretariado Nacional de Informação.

### Portugueses de Goiânia Saudam o General Delgado

Ao Chefe dos Portugueses Livres foi enviado o seguinte telegrama de solidariedade e adesão:

"Democratas Portugueses residentes em Goiânia saudam Vossa Excelência e associam-se às homenagens prestadas por compatriotas e irmãos brasileiros".

Assinaram a mensagem os srs. dr. Francisco Ayres, Mariana Ayres, José Augusto da Costa, Henrique Pereira Santo, José Luís Dias da Fonseca, Joaquim Caetano Nora, José Ferreira Neto, David Ferreira Bastos, Manuel Guilhermino dos Santos, Elias Martins da Silva, José de Faria Ribeiro, José Bragança, David Dias Tavares, João da Silva Adalberto Figueiredo, Gomes da Silva, Maria Adelaide Figueiredo, Silvestre, João Caseiro Tavares, Manuel Martins Eusébio, António Adriano, Joaquim Álvaro Mata, José Antunes Pedro, José Farinha, José Roque Martins, José Martins Oliveira, José de Jesus, José de Oliveira Zenha, João Fonseca, José Gonçalves da Costa, Carlos de Souza, José Maria do Vale, Manuel Pereira Amarante e Urbano de Almeida Amarante.

Ao mesmo tempo que regista esta mensagem, "Portugal Democrático" solicita a todos os seus subscritores uma ligação mais íntima com as organizações anti-salazaristas, particularmente de São Paulo, a fim de que nas manifestações futuras dos Democratas Portugueses do Brasil possamos contar sempre com estes companheiros de Goiânia.

### A "Labor" e Antonio Sergio

Devem estar recordados os nossos leitores do veemente protesto que nestas colunas fizemos, a propósito do abuso cometido pela editorial espanhola "Labor", a qual lançou a 2.ª edição da "História de Portugal" de António Sérgio, introduzindo-lhe modificações inadmissíveis, a ponto de atribuir ao iminente escritor português palavras de louvor aos ditadores Salazar e Franco.

Entretanto, "Diário Popular", de Lisboa, em 11 de Junho findo, publicou a seguinte notícia:

"A Editorial Labor S. A. torna público que retirou da venda a 2.ª edição espanhola do Manual da Coleção Labor n.º 206 "História de Portugal" do Professor Sr. António Sérgio de Sousa, por involuntariamente se terem introduzido nela, alguns conceitos errados e opiniões contrárias às do autor, os quais tiveram origem numa revisão da obra realizada sem o seu conhecimento".

A todos os assinantes de "Portugal Democrático", quer do Brasil, quer de Portugal ou do estrangeiro, solicitamos que mandem pagar suas assinaturas em débito com toda a urgência.

### Um grande Líder:

# Henrique Galvão

JOÃO ALVES DAS NEVES

A magnífica revista cultural "Anhembi", de São Paulo, publicou na sua secção "Jornal de 30 dias" (julho) um artigo sobre Henrique Galvão que a seguir transcrevemos:

Aos leitores de "Anhembi" não é preciso apresentar Henrique Galvão, nosso velho colaborador e ao qual nos temos referido com frequência. Depois de ter enfrentado corajosamente a gigantesca máquina salazarista, cujos tentáculos se estendem ao país inteiro, do Minho a Timor, Henrique Galvão foi preso e, como sempre, condenado sem provas. Na prisão, continuou a lutar, escrevendo: Salazar mandou-o condenar outra vez.

Os dois julgamentos de que foi vítima, chamaram para Henrique Galvão as atenções de todos os portugueses. Entretanto, de tempos a tempos, panfletos eram espalhados em Portugal, firmados pelo encarregado adversário de Salazar, enquanto a jornais estrangeiros chegavam artigos de sua autoria. "Anhembi", nomeadamente, publicou alguns deles.

Doente, Galvão lutava sempre, aguardando a sua hora. E quando o General Humberto Delgado procurou refúgio na embaixada do Brasil, para não ser preso nem morto pela gestapo salazarista, o prisioneiro resolveu atuar, fugindo do hospital onde se encontrava guardado dia e noite pelos esbirros da polícia política.

Durante cerca de um mês, nada mais se ouviu dizer de exato sobre Henrique Galvão, ao mesmo tempo que, a seu respeito, se espalhavam os mais estranhos boatos. Os seus amigos do Brasil chegaram a recear, com efeito, pela sua vida, pois sabiam que a polícia de Salazar usara já de processos diversos para o liquidar fisicamente. Mas, felizmente, o foragido conseguiu alcançar abrigo na embaixada da Argentina em Lisboa.

Desde então, não mais se recebeu pela vida de Henrique Galvão, tão certos estavam os seus correligionários de que a Argentina, apesar das observações idiotas e mentirosas de Teotónio Pereira, defenderia o asilado, não apenas para prestigiar as normas do direito de asilo, mas por motivos, até, de ordem humanitária que inibem qualquer governo decente de entregar um homem perseguido politicamente por outro governo.

Naturalmente, a firmeza do governo do presidente Frondizi acabou por vencer — e Henrique Galvão conquistou a sua liberdade, depois de se ter batido energicamente pela liberdade de todos os portugueses. Hoje, é um homem tão livre quanto o permitem as normas que condicionam o direito de asilo. Mas, todos o sabem, Henrique Galvão regressa à primeira linha de batalha em que têm permanecido os portugueses livres, a fim de combater, em todas as oportunidades e

### Salazar visto pela Imprensa do Brasil

O "SNI" do analfabeto burocrata Moreira Baptista e a "ANI" do monarca-fascista Dutra Faria insistentemente recomendam aos jornais censurados a publicação de artigos elogiosos ao ditador (e, em regra, pagos a bons escudos por linha). Sobretudo nos últimos meses, transcrevem-se as mais ínfimas referências ao "salvador" feitas pelos insignificantes "O Tempo" e outros que tais. Mas é evidente que escomdem o que é publicado nos grandes jornais do Brasil, nas suas maiores revistas e bem assim o que do "paraíso salazariano" declaram as estações de rádio e de televisão.

"Portugal Democrático" reproduz nesta edição alguns destes artigos:

"Portugal de Salazar — Radiografia do regime", do nosso companheiro de redação, Santana Mota (in "O Estado de S. Paulo", 5-7-51); "Réquiem para o dono de Portugal", do escritor Fernando Sabino (revista "Senhor", Julho); "Um grande Líder: Henrique Galvão", de João Alves das Neves ("Anhembi", julho); e o "Perfil de um ditador com setenta anos", do escritor Tomaz Ribeiro Colaço, artigo publicado em "Última Hora" e que aborda um tema sempre oportuno.

por todos os meios, o regime policial de Oliveira Salazar.

Ignoramos onde e como iniciará Henrique Galvão a nova fase do seu combate. Mas temos a certeza de que tudo fará para derrubar o ditador e a oligarquia que o rodeia e oprime o Povo Português. Quer fique na Argentina, quer se instale noutro país da América Latina, o ex-prisioneiro de Salazar alinhara com o presidente dos portugueses, General Humberto Delgado, juntamente com o Comandante Sarmiento Pimentel, que há mais de vinte anos batalha no Brasil contra Salazar, e ao lado de todos os outros que, ostensiva ou apagadamente, vêm dando a sua contribuição à tarefa comum de derrubar o chefe supremo da "gestapo" lusa — Salazar.

No momento em que os portugueses permanecem mais violentamente amordaçados do que nunca, pois, se tentam quebrar o silêncio, são implacavelmente torturados, o movimento dos portugueses anti-salazaristas alastra-se por toda a América Latina. Da Argentina à Venezuela, passando pelo Brasil, a opinião pública de cada um destes países já não se ilude com a opulenta "cortina de escudos" esbanjada pela propaganda salazarista. Que Portugal é um imenso campo de concentração, ninguém o ignora.

É, pois, com o apóio moral das populações desses países que os portugueses se reúnem, a fim de lutar, cada um com os meios de que dispuser e todos obedecendo à voz dos seus Chefes, até à libertação de Portugal, que já se anuncia próxima. Será nesta campanha que Henrique Galvão terá um lugar de eleição. Não para disputar postos de chefia, como pretende o jornal fascista lisboense "A Voz", ao intrigar com a afirmação de que os portugueses do Brasil se dividiram, apoiando uns Humberto Delgado, outros Henrique Galvão. Não. Os portugueses do Brasil permanecem e permanecerão unidos, em redor dos seus líderes naturais, quer se trate de Delgado, de Galvão ou de Sarmiento Pimentel. Cada um será apenas um soldado e todos formarão o exército que lançará sucessivos ataques à odiosa ditadura de Salazar, até que este e a sua côrte caiam por terra.

Com a libertação de Henrique Galvão, os portugueses livres contam com mais um companheiro experimentado. Por isso o saudam.

### PORTUGAL DEMOCRÁTICO

Diretor-Responsável:  
Otávio Martins de Moura

Conselho de Redação:

João Alves das Neves, Fernando Lemos, Adolfo Casais Monteiro, Carlos Maria de Araújo, Fernando Correia da Silva, José Sant'Anna Mota, Paulo de Castro, Vitor Ramos.

Conselho de Administração:

Antonio Bidarra Fonseca, Carlos Cruz, Carlos Neves, Francisco Lopes, Manuel Fernandes Moura e Santos Baleizão.

REPRESENTANTES

Rio de Janeiro: Eugénio da Conceição Mercês — Praça 11 de Junho, 356 — Telefone: 43-5110

Venezuela: Dr. Jorge Silveira. Apartado Correos 3826, Candelaria — Caracas.

REDAÇÃO:

Rua Conselheiro Furtado, 191 - Sala 2 - Caixa Postal 5294 - Tel.: 37-0933 - São Paulo

EXPEDIENTE:

Dias úteis: das 19 às 22 horas. Sábados: das 15 às 18 horas. Assinatura especial: 100,00 cr. Número avulso: 5,00 cr.

Ano III N.º 27 Agosto de 1959

Os artigos assinados traduzem apenas a opinião de seus autores, sendo por conseguinte de sua exclusiva responsabilidade.



Depois do notável documento que publicamos no último n.º de "Portugal Democrático", no qual diversos sacerdotes e militantes católicos analisavam a posição da Igreja em relação ao fascismo português, chegou ao Brasil outro documento não menos interessante.

Trata-se de uma carta enviada a Salazar por quase todos os subscritores do primeiro documento. Dado que o texto que a seguir reproduzimos é publicado pela primeira vez no Exterior, pedimos a todos os nossos leitores que lhe dêem a maior divulgação possível, visto que, uma vez mais, se prova o completo divórcio entre católicos portugueses e a ditadura de Salazar.

"Portugal Democrático", jornal que a todos abriga sem lhes reclamar identificação, protesta desde já contra a prisão de alguns dos signatários da carta que abaixo se reproduz, nomeadamente a do Padre Abel Varzim, figura popular e muito querida, sobretudo nos meios católicos de Lisboa.

Senhor Professor Doutor Oliveira Salazar

Excelência:

O governo a que V. Ex.ª preside e o regime que V. Ex.ª personifica têm sido considerados como de inspiração cristã e baluartes da Igreja Católica em Portugal. Este fato, se tem para o regime incontestáveis vantagens políticas — por vezes demasiado exploradas pela Situação — exige uma submissão à doutrina cristã para que, sem mentira flagrante, não seja registado pela consciência católica. Implica ainda, tácita ou explicitamente, uma solidariedade da Igreja e de todos os católicos que dá a estes o direito e o dever de procurarem esclarecer-se sobre alguns problemas graves que se põem à sua consciência, não só como cidadãos, mas também como

vago conhecimento através da imprensa. Em resumo, afirma-se nessa pequena crônica que, em virtude de repressões policiais, foram mortas em S. Tomé mais de 1.000 pessoas entre negros, e mestiços e brancos: nomeadamente "de 5, até à madrugada de 6 de Fevereiro, morreram asfixiadas 30 das 45 pessoas encerradas numa prisão" e "descrevem-se outras violências e tormenturas.

TORTURAS DA PIDE

O n.º 7 (Outubro de 1957) do Boletim da "Commission Internationale des Juristes", com sede na Haia, organismo insuspeito por ser integrado do Unesco e por se ter fundado para defesa do direito, a propósito dos acontecimentos na Hungria em 1956, apresenta um estudo sobre Portugal, em que, além da análise de algumas anomalias dos nossos estatutos jurídicos, se refere concretamente às "torturas da PIDE" às ilegalidades cometidas na instrução dos processos políticos e ao caso de "dois homens mortos há pouco, no decorrer dos tratos que lhes deu a PIDE do Porto (Joaquim Lopes de Oliveira, de Fafe, e Manuel da Silva Júnior, de Viana do Castelo).

Por outro lado, M. Supervielle advogado na "Cour d'appel" de Paris assistiu a um outro processo político em 1956, falou pessoalmente com várias vítimas e apresentou um longo relatório publicado no Boletim n.º 31 da "Association International des Juristes Democratiques". Poderá alegar-se que as tendências políticas desta associação a tornam suspeita, mas nunca se desmentiram os fatos concretos apontados, aliás com risco para as próprias testemunhas.

Traduzimos, a título de exemplo, entre outros casos citados:

"Os métodos de perseguição va-

nhá chegado a qualquer conclusão. Entretanto, o público teve conhecimento de que um dos signatários, o dr. Manuel João da Palma Carlos, tinha sido preso e julgado, embora absolvido, por acidentes resultantes do mesmo inquérito.

Pedido semelhante foi feito, em 16 do mesmo mês e ano, por 33 advogados de Coimbra, entre os quais o Governador Civil adjunto de Coimbra e o Presidente da Câmara de Condeixa. Não consta que este pedido, feito por intermédio do Presidente da Ordem dos Advogados, tenha tido qualquer seguimento, além do que resultou do documento citado atrás.

É também do conhecimento geral que, já anteriormente, tinham sido pedidos inquéritos aos tratamentos dos presos políticos e que, em alguns casos alguma satisfação se deu às vítimas e se imprimiu uma certa moderação em pontos limitados, mas não parece que os responsáveis tenham tido outro castigo além de simples transferências dentro da mesma missão. Na maior parte dos casos, não se deu às acusações o seguimento, e nunca, a satisfação completa que mereciam.

É do conhecimento público o caso repetido, em julgamentos políticos, de se fazerem calar peremptoriamente advogados, testemunhas e réus quando procuram descrever violências físicas de qualquer género, durante a prisão ou instrução do processo, ou mesmo a referência a assassinatos, pelas autoridades policiais. O que é grave, e não abona muito em favor da independência da magistratura especializada desses julgamentos, é que nunca dessas audiências saiu a abertura de um inquérito judicial aos métodos policiais citados, inquérito que, sem se prestar a efeitos fáceis em pleno

há de verdade nestes rumores e não podem confirmar, com documentos, casos concretos que sejam suficientemente elucidativos, a dificuldade de obter testemunhas, mostra, talvez ainda mais, o terror que os processos de intimação inspiram, mas a persistência e generalização dos rumores, juntos aos testemunhos públicos que se referem atrás, são suficientes para não permitir que possam ficar tranquilos com um simples desmentido da PIDE, homens e cristãos que se revoltaram e revoltam contra os casos da Argélia, de Cuba, e sobretudo da Hungria e outros países submetidos ao regime comunista.

Refere-se apenas um caso recente que teve suficiente publicidade, por um conjunto de circunstâncias acidentais:

No "Diário de Notícias" de 1 de Agosto de 1958, vinha publicada a seguinte notícia entre os fatos diversos da cidade: "Morte súbita — Falleceu subitamente na via pública Raul Alves de 44 anos, soldador, residente em Vila Franca de Xira. O corpo foi removido para o Instituto de Medicina Legal". Acontece que este senhor estava preso à ordem da PIDE e que o seu entêrro se realizou uns dias depois, por ordem e organização da mesma polícia, na Póvoa de Santa Iria, em 2 de Agosto. A autoridade local depois de vencida a oposição da citada polícia, mandou abrir o caixão, antes de descer a cova, e o público presente — apesar de se terem tomado tôdas as precauções para se dificultar a sua ocorrência — pôde verificar que o cadáver tinha a parte superior do crânio esmagado, além de outras deformações.

É ainda do domínio público que numerosas pessoas presenciaram, pela mesma data, um homem pendu-

blica e a exortação dos eventuais responsáveis, qualquer que fosse a sua categoria, até para salvaguarda dos que nada têm a ver com tais acusações; e a promulgação de medidas que dessem 'Nação a garantia de que esses métodos se não repetiriam, pelo menos com a impunidade com que teriam sido praticados até agora.

— Então, e só então, se poderá partir para uma autêntica pacificação do País; só assim será possível começar a recompor uma frente nacional que V. Ex.ª lamenta alguns católicos tenham querido romper; só nestas condições V. Ex.ª poderá ainda continuar a considerar-se com direito no apóio de cristãos honestos. "Contra uma consciência pública esclarecida e generalizada não há possibilidade de os governos se manterem duradouramente, ao menos sem um certo desenvolvimento de força, nem sempre legítimo" disse V. Ex.ª há 26 anos; nós diríamos que esse desenvolvimento de força seria pura e simplesmente ilegítimo.

Haverá certamente alguns que, embora admitam a verdade de algumas das acusações formuladas, preconizam um silêncio prudente, acompanhado ou não de algumas medidas discretas que evitem os desmandos mais notórios. Em nome dum pretensioso realismo político negam-se a esclarecer completamente a verdade, com medo de dar armas aos inimigos da Situação, com receio de serem acusados por V. Ex.ª de "solidariedades estranhas, senão criminosas cumplicidades".

O que é certo é que uma consciência cristã, honestamente informada, tem de regeitar tal "realismo político" quando possam existir mortos, sangue, violência e injustiça.

Já em 1933, V. Ex.ª parecia justi-

# Os Católicos e a Repressão Salazarista

cristãos, para que um silêncio demasiadamente prolongado não seja alembado de cumplicidade ou o alheamento total não seja considerado cobardia moral.

Os signatários declaram não sentir qualquer animosidade contra V. Ex.ª. Pelo contrário, todos católicos, reconhecem a validade cristã de muitos princípios defendidos por V. Ex.ª e, quasi todos educados na estima e no respeito da sua alta personalidade, só pouco a pouco e dolorosamente começaram a duvidar da aplicação autêntica de alguns desses mesmos princípios, até chegarem à conclusão — porventura demasiado tarde — que a sua consciência de cristãos e a sua dignidade de homens lhes impunha o dever de se dirigirem a V. Ex.ª nos termos em que agora o fazem. Até aqui estiveram sempre tentados a ver, nos rumores que lhe chegavam, propagandas tendenciosas, nas referências concretas, casos esporádicos inevitáveis, e, numa expectativa prudente, a melhor orientação para salvaguardar o que de positivo reconheciam na obra de V. Ex.ª.

Indícios diversos e persistentes parecem indicar que os serviços de repressão do regime admitem e empregam métodos que uma consciência humana bem formada não pode tolerar e um espírito cristão tem necessariamente de repudiar.

Durante muito tempo foi possível manter uma grande parte da Nação no desconhecimento destes processos por uma censura extraordinariamente apertada, por uma propaganda adequada, e também, possivelmente, pela eficácia dos processos de repressão, que forçava ao silêncio as próprias vítimas ou as testemunhas. No entanto, a acumulação e a generalização dos rumores, alguns depoimentos públicos, o aparecimento à luz do dia e em plena rua de métodos violentos de repressão, durante o último período eleitoral, tudo contribui para alertar a opinião pública e convencer uma grande parte do povo português de que algo muito grave se está e se tem estado a passar.

MASSACRES EM S. TOMÉ

Em Paris, publica-se uma revista "Presence Africaine" sob a direção de Alioune Diop, intelectual negro e católico, que ainda na recente "Semaine de Intellectuals Catholiques" presidida pelo Cardeal Feltrin, teve a honra de ser convidado a fazer uma das conferências. O número de Abril-Julho de 1955 dessa revista e sob o título "Massacres em S. Tomé" referia os acontecimentos de que o público português tinha sido

ria com as secções da polícia política. O mais geralmente empregado no Porto, considerada uma das menos "vigorosas", consiste em obrigar ao exercício da "estátua". O acusado tem de estar de pé até responder a perguntas colocadas diante dos olhos. O exercício prolonga-se sem qualquer tempo de sono por vários dias e várias noites, apenas com pequenas interrupções para tomar alimento. O menor desfalecimento é naturalmente reprimido com energia.

"O acusado Hernani Silva sofre a estátua durante 7 dias e 7 noites consecutivas. Um outro, tuberculoso, foi torturado em Lisboa até ter vômitos de sangue que duraram treze horas e meia".

"Diniz Fernandes Miranda, de 27 anos de idade, agricultor do Alentejo, foi mais especialmente torturado, nariz e maxilar inferior partidos, partes sexuais torcidas até ao desmaio, etc."

"O mais jovem dos acusados, José Seabra, que quando foi preso tinha 17 anos de idade e que vimos em casa de um advogado diante de um médico (com o qual discutimos as consequências da falta de sono), mostrou-nos nas costas os vestígios da flagelação que gofreu depois de 5 dias e 5 noites de estátua".

Estas e outras referências na imprensa estrangeira, apesar da gravidade e caráter concreto das acusações, nunca foram convenientemente esclarecidas. Evidentemente, qualquer das referidas publicações é rigorosamente proibida em Portugal.

PROTESTO DE ADVOGADOS

Em 23 de Março de 1957, 72 advogados de Lisboa e Porto fizeram ao Governo uma exposição em que referiam o caso dos dois detidos falecidos no Porto e outras irregularidades, pediam um amplo e rigoroso inquérito para esclarecimento do assunto e se prontificavam a apresentar elementos de prova sobre alguns casos que conheciam. Realmente, o inquérito iniciou-se e alguns dos signatários foram chamados a prestar declarações. Entre estes, o primeiro signatário, Dr. Fernando de Abranches Ferrão, apresentou depoimento escrito em 23 de Outubro do mesmo ano, no qual cita 26 casos de maus tratos infligidos a presos políticos, de maior ou menor gravidade, mas em que se inclui, quasi como geral, o chamado processo da estátua, com as suas consequências físicas e psicológicas. No entanto, até à data, outros signatários não foram chamados a prestar declarações e não consta que estejam a prosseguir as investigações ou se te-

judgamento, teria, pelo menos, esclarecido a autenticidade das acusações formuladas, para defesa do direito e da justiça.

"PORTUGAL OPRIMIDO"

Mas o mais inquietante libelo que conhecemos é o livro "Portugal Oprimido" assinado por Capitão Queiroga ("Editora Germinal" do Rio de Janeiro—Outubro de 1958).

O livro descreve dezenas de assassinatos, alguns com requintes de sadismo, torturas físicas e morais de todo o género, brutalidades gratuitas, processo da estátua até ao limite da resistência humana, flagelação e espetáculos de sangue, esmagamento de membros, queimaduras na vista, redução do homem a uma abjeção imprópria de animais. Outras vezes, aniquilamento sistemático, frio e premeditado da vida física, mental ou espiritual de muitas dezenas de homens, e até, a liquidação em massa de homens considerados perigosos e recolhidos em camionetas para serem fuzilados pelos espanhóis durante a guerra civil.

Apesar do tom de linguagem, compreensível pelo ambiente que o próprio autor declara ter vivido, e mesmo que umas acusações, por mais vagas e imprecisas, não possam ser tidas em consideração — e noutras possa haver exageros — o que resta constitui acusação de tal maneira grave, concreta e precisa, citando nomes de vítimas e de responsáveis transcrevendo cartas assinadas por pessoas conhecidas e referindo testemunhas oculares, que se impõe um esclarecimento definitivo para salvaguarda do bom nome de Portugal e para desarmar propagandas tendenciosas que tudo têm a ganhar com um silêncio comprometedor. Ou tudo é falso e as leis internacionais permitem responsabilizar os autores e editores, ou uma parte mesmo infima, dos casos graves apontados é verdadeira, e torna-se então necessário dar uma satisfação à parte sã do povo português.

ELEIÇÕES E REPRESSÃO

O período eleitoral parece ter correspondido a um recrudescimento da atividade policial e dos referidos processos de repressão.

Muitas pessoas que estiveram presas citam a medo rumores, gemidos, gritos, brutalidades e sangue que adivinharam, viram ou pressentiram. Corre com insistência o caso de presos inutilizados total ou parcialmente, física e psicologicamente, talvez para toda a vida. Citam-se mortes e descrevem-se processos de tortura. Não sabem os signatários o que

radou exteriormente duma das janelas da sede da PIDE até se precipitar no solo, após gritos lancinantes. Seria o mesmo Raul Alves? Suicídio subsequente às sevícias? De qualquer forma, tudo o que se passou, a notícia dos jornais, o comportamento da PIDE, falta de esclarecimentos, tudo é de molde a sugerir as mais graves suspeitas.

E os rumores continuam a acentuar-se; a opinião pública está cada vez mais alarmada.

A RESPONSABILIDADE DO PRESIDENTE E A DOS CATÓLICOS

Excelência:

Quereriam os signatários poder ser efetivamente convencidos de que tudo o que indicam pode ser amplamente esclarecido, salvando inteiramente a responsabilidade de V. Ex.ª e do regime, e portanto, também, de certa maneira a sua, já que, como católicos, alguma solidariedade sentem com um poder que, no conselho público, tem tido o apóio da Igreja.

Antônio Ferro escreveu em 1933: "Salazar, cuja responsabilidade na política de Gabinete lhe pertence apenas há seis ou sete meses, reprova energeticamente todos os maus tratos passados, presentes ou futuros dos presos políticos e dispõe-se a reprimir energicamente tais abusos". No entanto, depois de V. Ex.ª ocupar o poder durante 26 anos, uma grande parte da opinião está hoje convencida de que os tais "abusos" se mantiveram persistentemente, aumentaram em larga escala e não foram reprimidos como deviam. Hoje, com a opinião pública alarmada, os depoimentos citados não pedem apenas uma repressão enérgica, exigem também uma satisfação ampla, um esclarecimento total.

Essa satisfação ampla e esclarecimento total só V. Ex.ª tem poderes para os ordenar. Impõe-se a realização de um inquérito esclarecedor com inquiridores insuspeitos — que aos seus títulos legais juntem um mínimo de independência política — com ampla publicidade e divulgação na imprensa, com total garantia às vítimas e testemunhas de que seriam assistidas por advogados da sua escolha com liberdade de ação profissional, sujeitos a peritagem médica imparcial, e de que contra eles nunca seriam exercidas quaisquer represálias, além das que a lei prevê para os casos de falsos testemunhos.

Em face dos resultados desse inquérito, avaliada objetivamente a medida e alcance das acusações feitas, impor-se-ia a identificação pú-

ficar certos abusos cometidos pela polícia, porque "se chegou à conclusão de que os presos maltratados eram sempre ou quase sempre, temíveis bombistas que se recusavam a confessar, apesar de tôdas as habilidades da polícia, onde tinham as suas armas criminosas e mortais. Só depois de empregar esses meios violentos é que eles se decidiam a dizer a verdade. E eu pergunto a mim próprio, continuando a reprimir tais abusos, se a vida de algumas crianças e de algumas pessoas indefesas não vale bem, não justifica largamente, meia dúzia de safanões a tempo nessas criaturas sinistras..."

Também hoje, muitos entendem desculpar a aplicação de métodos designados simbolicamente por "meia dúzia de safanões a tempo", e que porventura chegam à tortura e ao assassinato, sob o pretexto de que são exercidos sobre os comunistas a quem aplicaríamos também o qualificativo de "criaturas sinistras".

OS CATÓLICOS E OS COMUNISTAS

Parece, de fato, que pelo menos em alguns períodos, a repressão mais brutal se exerce sobre suspeitos de comunismo ou como tais considerados.

Mesmo que assim seja, importa declarar formalmente que, se o Comunismo é um erro e se certos seus métodos são crimes, o comunista é sempre um homem e o Cristianismo nos ensina que tem o direito ao respeito da sua personalidade e consciência individual. Nem contra um criminoso se podem usar os métodos que se denunciaram atrás; e a sua aplicação a simples suspeitos, abre a porta a todos os desmandos e abusos. Aliás, os comunistas são também muitas vezes homens honestos, porventura levados ao seu ideal por um anseio legítimo da maior justiça social. Como disse o Cardeal Patriarca de Lisboa na sua mensagem de Natal de 1954, "tem de se confessar que a construção marxista de um mundo melhor é hoje a esperança messiânica de multidões de homens que não erem em Cristo. Não compreenda o nosso tempo que não sinta o ímpeto óptico que a anima. Mobiliza, com muito lastro turbido, aspirações profundas do coração humano, que esperam pelo Redentor: aspirações de justiça, de felicidade, de fraternidade".

A coragem e força de ânimo com que os comunistas sofrem violências e perseguições por amor do seu ideal torna-os merecedores da admiração dos homens e faz lembrar a prome-



## Opiniões insuspeitas zangam-se as comadres

João Sarmiento Pimentel

Aquela do Presidente da Federação das Associações Portuguesas ter pedido a demissão deixou-nos desconfiados do fraterno entendimento que entra as correntes comendadeiras do salazarismo carioca.

A guerrinha de invejas e ciúmes começa a alargar o campo tático onde ameaçava explodir a bomba dos dois milhões de cruzeiros derretidos na campanha contra o general e está ensaiando agora um teleguiado contra o Gabinete Português de Leitura cujo secretário negaria o visto às contas polpudas dos semanários da Colônia e gorjetas do Chatô.

Afinal dois milhões bem pouco é para gente de tantos teres e causa tão difícil de defender, como essa do carcomido totalitarismo luzitano. Outro tanto abafou o tesoureiro do monumento ao Cristo-Rei e nem o cardeal Cerejeira pôu nem as "Vozes" disseram que o devoto arrecadador estava a serviço dos agentes de Moscou.

Dois milhões a mais, dois milhões a menos, tudo normal na opinião insuspeita do meu insuspeito informador, embora ele seja do contra.

### SEM TETO E SEM PÃO

O "São Tomaz de Aquí" (de lá, bem entendido) na falação do Ano Novo formulou os melhores votos pelo bem estar de todos os portugueses e, bancando o Saragoçano mavórtico, garante que não haverá a terceira guerra mundial em 1959.

Da terceira guerra não dá novidade nenhuma e, pelos modos, sabe tanto como qualquer cigana que prevê o futuro a tróco de tuta e meia.

Mas quanto aos votos de bem estar a coisa é mais séria e não deixa os pobres patricios muito esperanças. Apenas promessa de mais pão "para aqueles que estão mais carecidos".

Agora teto para se abrigarem, o doce lar, modesto mas condigno, que todos justificadamente desejam, confessa o homenzinho de Deus que a grande maioria dos portugueses "infelizmente estão ainda longe de o possuir (sic).

Se, passados trinta anos de ditadura ainda existem tantíssimos portugueses carecidos do pão de cada dia e a posse de um lar ainda está longe de ser conseguida então o melhor é dizer logo que "casa e puca-rinho" é só para os legionários. E o resto que se amole.

### VIAGEM TRIUNFAL

É como lhe chamaram as "Vozes" quando o "São Tomaz de Aquí" foi ao Norte para inaugurar Picote e novas obras do Rabagão.

Qual triunfo nem qual cabaçal Diz o nosso correspondente do Porto.

"E assim é que na manhã da chegada, a cidade apareceu repleta de cartazes com estes eloquentes dizeres: "Convida-se o povo do Porto a ir receber à estação de Campanhã o contra-almirante Américo Tomaz, representante do senhor presidente da República, general Humberto Delgado, atualmente ausente no Brasil".

Com esta informação vinha também uma fotografia da passagem do "São Tomaz de Aquí" pela rua das Flores: dois batedores na frente, outros laçando e atrás.

E "el publico"? perguntará o leitor.

"El publico" como na história do toureiro, "mui dividido, mui dividido". Havia um basbaque na calçada da direita, dois no passeio da esquerda, e bondade!

A fotografia também mostra uma colcha na varanda de um dos prédios daquela rua do velho burgo tripeiro, além das armas de São Francisco no portal de uma igreja...

Von pedir aos comendadores, salazaristas roxos, que consigam de Salazar novo decreto substituindo o representante do presidente por outro, porque aquele não agradou mesmo à boa gente lá do Norte de Portugal.

### A VISITA DA PRINCESA

O diretor do "Times" o grande e sizado órgão conservador mandou-nos duas linhas de cortezia acusando a recepção e agradecendo a cópia do protesto que o Comité dos Intelectuais enviou a MacMillan a propósito, ou despropósito, da visita da Princesa Margarida à Feira das Indústrias Britânicas que se realizou em Lisboa.

E prometem fazer-se eco do nosso

## FIM DA FARSA

Até que finalmente o governo português caiu na conta dos perigos a que o expunham as mistificações com que de vez em vez se apraz brincar de democrata. Ainda que o seu chefe parta da premissa de que em política "aquilo que parece é", a verdade é que a aparência que tem procurado dar ao seu regime desde o fim da guerra até junho do ano passado nem convenceu ninguém, nem trouxe ao governo a tranqüilidade que buscava. Nisto de política, como em tudo o mais, o essencial não é parecer — é ter-se a coragem de ser o que efetivamente se é. Por mais cuidado que o lobo ponha em ajustar ao pêlo a pele da ovelha, há sempre o rabo a denunciá-lo o disfarce. O rabo do governo português, se o não tem enxergado a miopia do rebanho democrático em que ele se insinuou, viu-lho claramente o anho tresmalhado de quem ele se inculca guia e protetor. O anho — neste caso o povo português — tanto se esgoelou no berreiro contra o disfarce do impostor, que este desistiu da farsa e mostrou-se a todo o mundo como realmente sempre fôra. Aí o temos, tal como desde sempre o apontamos aos que porfiavam em aceitá-lo como ele se travestia. E o que desta mudança se conclui é que, para o governo do sr. Oliveira Salazar há muito menos riscos em se apresentar tal qual é na ONU e na OTAN, do que enfrentar as críticas e doestos de um escasso mês de liberdade condicionada em período eleitoral.

O art. 72 da Constituição, agora reformado, acaba cerce com tôdas as contrariedades e desgostos que o governo experimentou de há um ano a esta parte. Daqui em diante o presidente da República não será mais eleito por voto popular. O povo, êsse ingrato, que tão mal se portou no ano findo e tanto trabalho deu para ser contido no seu entusiasmo transbordante por Delgado, passa a aguardar pacatamente em casa a sábia decisão do colégio eleitoral que o governo nomeará para o efeito. De perfeição em perfeição, o professor de Santa Comba acabou por introduzir no sistema eleitoral do seu regime o método semi-republicano da Santa Madre Igreja. Se S. Excia. nos desse ouvidos, estaríamos até em dar-lhe êste conselho: que instalasse na Assembléia, a exemplo do Vaticano, um forno crematório para os papelinhos dos votos. Assim, ao cabo de cada escrutínio, o povo teria a chaminé para o informar das vezes que o "espírito santo de orelha" do governo descia a convencer a casmurrice do Colégio sôbre a necessidade de chegar a acôrdo na escolha do Pontif... perdão, do Presidente.

S. M.

## O Partido Trabalhista Convida o Gen. Delgado

O Secretario do Departamento Internacional do Partido Trabalhista britânico dirigiu um convite ao General Humberto Delgado para fazer uma exposição ao grupo parlamentar para assuntos de política estrangeira, desse partido, na Camara dos Comuns.

Por contatos do Partido Trabalhista da Grã-Bretanha com agrupamentos sociais-democratas da Alemanha, Holanda e Suécia, sabe-se que o general Humberto Delgado será igualmente convidado a visitar esses mesmos países pelos referidos agrupamentos.

A data da partida do candidato da Oposição à Presidência da República de Portugal e atualmente residente no Brasil a quem solicitou asilo político, será oportunamente divulgada.

## Em 31 de Janeiro em São Paulo o "Congresso dos Democratas Portugueses"

Pela primeira vez, os Democratas Portugueses que se encontram longe da Mãe-Pátria vão promover um Congresso, que se efectuará na Capital Bandeirante, a fim de discutirem os problemas do passado, do presente e do futuro de Portugal.

Para este Congresso dos Democratas Portugueses estão convidados todos os nossos compatriotas que possam e desejem participar nesta manifestação, incluindo aqueles que vivem em Portugal e fora dele. A "Comissão Executiva" do Congresso já começou a enviar convites a muitas das pessoas que considera possíveis colaboradores desta importante iniciativa, mas agradece e solicita o apoio de todos os democratas portugueses, nomeadamente aqueles a quem não se dirigiu por escrito, em virtude de ignorar os seus endereços.

O convite, que é, portanto, extensivo a todos os democratas portugueses, foi redigido nos seguintes termos:

"Decidiram as organizações portuguesas anti-salazaristas do Brasil promover em São Paulo a realização de um CONGRESSO DOS DEMOCRATAS PORTUGUESES, no dia 31 de Janeiro de 1960, sob a égide desta gloriosa data republicana.

Para esta manifestação solicitamos pela presente a colaboração de V. Sa.

O Temário proposto é o seguinte: I — Educação e Cultura. II — Economia (Indústria, Comércio e Agricultura). III — Ultramar. IV — História da República. V — Democracia, Liberdade e Direitos do Homem. VI — Comunidade Luso-Brasileira.

Poderão ser examinadas outras teses que, não obedecendo a este temário, possam, todavia, interessar ao futuro da Democracia Portuguesa.

## Pequena história duma Agencia de Informação

Foi agora publicada, em Paris, o volume "De l'Agence d'Information Havas à l'Agence France-Presse", da autoria de Pierre-Frédéric, no qual é traçada a história do feito memorável empreendido por Charles Louis Havas, há mais de cem anos, ao criar a primeira agência de informações para a imprensa. Julius Reuter, que fora empregado de Havas fundou, por seu turno, uma agência de informações financeiras e económicas, cujo centenário foi celebrado não há muito. A sua vida foi até objeto dum filme.

Portugal também possui uma agência parecida. Não de informações, mas da informação (isto é da polícia de informação e defesa do estado). Não é centenária, nem sequer tem os trinta e três anos (fatídicos) do totalitarismo em Portugal, mas pouco mais de uma dúzia. Não foi fundada por homens empreendedores e de lúcida visão, mas por videirinhos de lume no olho. As vidas dos seus fundadores ainda não foram temas de filmes, mas ambos são dados a fitas e podem ser considerados grandes fiteiros.

Para os historiadores futuros desse empreendimento, aqui deixamos algumas achegas. A agência da informação dá pelo nome de ANI. Parece pretender que essas letras sejam as iniciais de Agência Nacional de Informação. É qualquer coisa no género da DNB nazi. Será agência por os seus dirigentes serem agentes da informação, mas nacional não é. Quando essas três letras apareceram a firmar telegramas, muitos supuseram que se tratava duma abreviatura da palavra ani... mal; outros supuseram que era gra-lha e a letra final em vez de i deveria ser e, para dar, em maiúsculas, a palavra francesa "âne".

Raríssimos conheciam a sua existência a tal ANI nasceu propriamente do nada. Os seus fundadores eram dois sujeitos, pouco menos que desconhecidos, que tentavam furar nos jornais. Ambos monárquicos, naturalmente por lhes correr nas veias o sangue azul da aristocracia, tinham a mania da literatura. Um deles, Dutra Faria, já escrevia "romances" quando, ainda garoto, vigiava o levedar da massa da padaria paterna, numa ilha açoriana. O outro, Marques Gastão, também julga ser romancista e a sua nobreza é da laia do sócio.

Quando, terminada a última guerra, o aeroporto de Lisboa passou a

As teses deverão ser remetidas em 3 (três) exemplares dactilografados até ao dia 10 de Janeiro de 1960 e endereçadas à: Secretaria do Executivo do CONGRESSO DOS DEMOCRATAS PORTUGUESES — Rua Conselheiro Furtado, 191, Sala 2, São Paulo, Brasil.

O Congresso é patrocinado pelo "Centro Republicano Português", tendo oferecido já a sua adesão o jornal "Portugal Democrático", a Associação "Humberto Delgado" e o "Comité dos Intelectuais e Artistas Portugueses Pro-Liberdade de Expressão".

O Executivo do CONGRESSO DOS DEMOCRATAS PORTUGUESES é constituído pelos srs. Paulo de Castro e Vitor Ramos (cordenadores), João Sarmiento Pimentel (em representação do Centro Republicano Português), Adolfo Casais Monteiro, Alamiro de Andrade, Antonio Amorim, Carlos Cruz, Carneiro Franco, Fernando Correia da Silva, Fernando Lemos, João Alves das Neves, João de Magalhães, Jorge Fidelino de Figueiredo, Manuel Rodrigues Lapa, Maria Archer, Ricardo Seabra e Tito de Miranda.

Agradecemos que V. Sa. nos responda urgentemente, preenchendo a ficha de inscrição anexa. Solicitamos outrossim a indicação de nomes e endereços de pessoas que, em sua opinião, devam ser convidadas, para verificarmos se já constam da nossa lista ou, em caso contrário, para lhes endereçarmos o convite.

Saudações Democráticas — A "Comissão Executiva" do CONGRESSO DOS DEMOCRATAS PORTUGUESES".

Já se iniciaram, entretanto, as diligências para a constituição de uma grande "Comissão de honra" que deve incluir alguns dos mais destacados nomes da vida brasileira.

ser escala das linhas aéreas intracontinentais, os dois videirinhos tiveram uma ideia: apanhar os jornais dos diversos países abandonados pelos passageiros dos aviões, fazer recortes dos seus artigos e notícias e enviá-los aos jornais portugueses que os utilizariam mediante uma pequena retribuição para as despesas da tesoura, cola e porte do correio.

Mendigaram a aceleração desse "importante" serviço, e declaravam receber em paga fosse o que fosse, para os ajudar. Essa mendicância deu resultado. Certos jornais aceleraram o tal serviço de recortes e davam em troca aos fundadores da agência, a título de esmola, uma gorgeta insignificante. Alguns grandes diários nunca publicaram uma linha de tal serviço, embora contribuissem para a ANI com uma pequena importância, não tanto a título caritativo, mas para calar a boca aos "maitres chanteurs" da tal agência de informação.

Com a cumplicidade de colegas, seus agentes, nas redações dos jornais, da ANI começaram a aparecer nos diários telegramas de tôdas as partes do mundo, a par dos da Agence France Presse (sucessora da Havas colaboracionista), da Reuter ou da United Press. Claro que tais telegramas não existiam. Eram simples recortes dos jornais estrangeiros, abandonados pelos passageiros dos aviões. Os serviços da ANI modificaram-se: em vez de mandarem os recortes aos diversos jornais, recortes em geral arremessados para o lixo, passaram a enviar fôlhas como as outras agências, com as mesmas notícias simplesmente traduzidas, mas firmadas com as iniciais ANI.

Contra êsse ato de rapina, ninguém protestou, como ninguém protesta contra os garotos que apanham do chão pontas de cigarros ou contra os vagabundos que revolvem os caixotes do lixo para deles aproveitarem códeas, trapos velhos, papéis sujos, fruta podre. Em Portugal, a expressão "andar ao papel" é equivalente a "andar ao trapo" e esta é a mais abjeta das profissões. Ora, os dois "escritores" monárquicos "andavam ao papel". O negócio passou a ser rendoso, pois os dois sócios desentederam-se na partilha dos lucros e separaram-se.

O "escritor" Marques Gastão ficou com o monopólio do noticiário do aeroporto. Recebe das compa-

## Comemorações do "5 de Outubro"

Continuando uma tradição que já vem de longe, os democratas portugueses de São Paulo realizarão, uma vez mais, em 5 de Outubro próximo, um jantar de confraternização, ao qual se espera compareçam centenas de pessoas, pois procurará dar-se a esta manifestação um carácter iminentemente popular.

Ao mesmo tempo, o jantar a todos proporcionará a oportunidade de trocarem impressões sobre o CONGRESSO DOS DEMOCRATAS PORTUGUESES que será promovido em São Paulo, em 31 de Janeiro de 1960.

Foi eleita, numa reunião a que assistiram inúmeros portugueses, uma comissão que tratará especialmente da organização do jantar e de outras manifestações que seja possível e conveniente promover na ocasião. Fazem parte dessa Comissão: a Directoria do "Centro Republicano Português", os srs. Carlos Neves e Manuel Moura (em representação do jornal "Portugal Democrático"), engs. Carlos Cruz e Jorge Fidelino de Figueiredo e dr. Carneiro Franco, em representação do "Comité dos Intelectuais e Artistas Portugueses Pro-Liberdade de Expressão" e Joaquim Carvalho e José Guedes, da Associação "Humberto Delgado".

A todos os democratas portugueses de São Paulo e de outras cidades que na altura possam deslocar-se à Capital Bandeirantes, pedimos que enviem desde já as suas adesões para a Rua Conselheiro Furtado, 494, Sala 1, em São Paulo.

## Ferreira de Castro visitará o Brasil

O grande escritor Ferreira de Castro, democrata que nunca escondeu as suas opiniões, deve deslocar-se ao Brasil ainda este ano, segundo noticiam jornais cariocas.

A visita do famoso romancista português é patrocinada pela União Brasileira de Escritores e pela "Casa de Rui Barbosa".

## Leia

"DEMOCRACIA ESPANOLA" Um jornal ao serviço da Espanha Livre



# O movimento anti-Salazarista no Brasil Perfil de um Ditador com setenta anos

Tomaz Ribeiro Colaço

As diferentes organizações democráticas portuguesas que, no Brasil, vêm combatendo energicamente os abusos do regime salazarista, denunciando-os à opinião pública brasileira e do Mundo, entraram numa fase de grande atividade, nomeadamente o Comité dos Intelectuais e Artistas Portugueses Pró-Liberdade de Expressão", conforme se observa através do noticiário que, a seguir, reproduzimos:

## COMITÉ DOS INTELECTUAIS E ARTISTAS PORTUGUESES PRÓ-LIBERDADE DE EXPRESSÃO

A Imprensa Brasileira, as agências telegráficas internacionais e bem assim diversos núcleos de democratas portugueses espalhados por todo o Mundo, divulgaram recentemente uma mensagem enviada pelo Comité de Intelectuais e Artistas à União Postal Universal, com sede em Berna (Suíça), documento em que energicamente se protesta contra a censura que Salazar está fazendo aos jornais e cartas que entram ou saem de Portugal, aos telegramas e até aos telefones. Ao mesmo tempo, o referido "Comité" reclamou à União Postal Universal que tomasse imediatas providências, no sentido de assegurar a liberdade postal que o próprio governo de Salazar se comprometeu a cumprir.

É do seguinte teor o protesto enviado à U.P.U. e que foi acompanhado por inúmeros recortes de jornais em que se fazia a prova da censura postal exercida pelo governo fascista de Salazar:

"Nos últimos meses, tanto as agências telegráficas internacionais como os mais importantes jornais do Mundo inteiro, têm noticiado que o governo ditatorial de Lisboa chefiado pelo sr. Oliveira Salazar, exerce severa censura postal, quer se trate da entrada de cartas e jornais em Portugal, quer de telegramas ou de simples chamadas telefônicas.

"Não há dúvida de que esta censura transgride frontalmente os princípios que a União Postal Universal sempre defendeu e que Portugal se comprometeu, de resto, a respeitar. Deste modo, o governo do sr. Oliveira Salazar está infringindo, nomeadamente, a "Liberdade de Trânsito" garantida pelos convênios da U.P.U. em todos os territórios dos seus países membros.

"O "Comité dos Intelectuais e Artistas Portugueses Pró-Liberdade de Expressão", com sede no Brasil, ao mesmo tempo que junta as provas inofensíveis dos atropelos que denuncia, chama para a arbitrariedade que o governo de Lisboa está cometendo a urgente atenção da União Postal Universal, esperando que esta organização tome rápidas medidas no sentido de garantir em Portugal a liberdade postal que sempre a U.P.U. defendeu.

"Aproveita ainda este "Comité" a oportunidade para solicitar da União Postal Universal informação pormenorizada quanto às medidas que vão ser tomadas".

O Comité dos Intelectuais e Artistas Portugueses Pró-Liberdade de Expressão, (aa) Adolfo Casais Monteiro (escritor), António Pinto de Carvalho (professor universitário), Armindo Bianco (jornalista), Carlos Cruz (engenheiro), Carneiro Franco (ex-deputado), Fernando Correia da Silva (escritor), Fernando Lemos (pintor), Francisco Lopes (industrial), Francisco Sarmiento Pimentel (oficial do Exército), João Alves das Neves (jornalista), João Sarmiento Pimentel (oficial do Exército), Joaquim Ferrer (escritor), Jorge Fidélio de Figueiredo (engenheiro), José Santana Mota (jornalista), Maria Areher (escritora), Paulo de Castro (jornalista), Rodrigues Lapa (professor universitário), Santos Balseção (engenheiro), Vítor Ramos (professor universitário), Toga Machado (ex-governador), Tomaz Ribeiro Colaço (escritor), Zaluar Nunes (Professor universitário).

### Saudações a Alvaro Lins

O Embaixador Alvaro Lins, depois de ter colocado a representação do Brasil em Lisboa à disposição do presidente Juscelino Kubitschek, regressou ao Rio de Janeiro.

Na oportunidade, o sr. General Humberto Delgado enviou ao ilustre escritor e diplomata o seguinte telegrama: "Quando V. Exa. pisa esta hospitaleira Pátria, emocionadamente renovo meus profundos agradecimentos pela ação viril e humana, tomada no meu caso".

Por seu turno, o Comité dos Intelectuais e Artistas Portugueses Pró-Liberdade de Expressão remeteu ao Embaixador Alvaro Lins mensagem

de saudação e agradecimento que, a seguir, transcrevemos:

"No momento em que v. exa. regressa ao Brasil, onde muitos milhares de portugueses recobram a liberdade que o governo do seu país há mais de 30 anos lhes nega, queremos, em nome dos portugueses espalhados pelo mundo, agradecer a decisiva interferência de v. exa. na concessão de asilo político pelo governo do presidente Juscelino Kubitschek ao sr. general Humberto Delgado. Não fora essa interferência e o verdadeiro presidente de Portugal estaria hoje numa das inúmeras prisões salazaristas, quando não no rol dos abatidos a tiro pela PIDE.

Lamentando que o governo fascista de Lisboa tente, uma vez mais, através de embaixadas inoportunas, fazer "chantage" com os sentimentos de fraterna amizade que unem os Povos Democráticos do Brasil e de Portugal, o Comité dos Intelectuais e Artistas Portugueses Pró-Liberdade de Expressão apresenta à v. exa. as melhores saudações e o comovido agradecimento de todos os seus membros".

### O major Calafate em Liberdade

Logo que as agências telegráficas internacionais anunciaram a chegada a Caracas do Major Luís Cesarini Calafate, que há meses pedira asilo político à Venezuela, permanecendo largos meses refugiado na embaixada deste país em Lisboa, o Comité dos Intelectuais e Artistas Portugueses Pró-Liberdade de Expressão enviou mensagens de agradecimento ao Presidente da República da Venezuela, dr. Rómulo Betancourt, ao "Comité Venezolano Pró-Democracia y Libertad de Portugal" e à Junta Patriótica Portuguesa, de Caracas, salientando a sua valiosa interferência na libertação do Major Calafate.

Entretanto, em nome do mesmo Comité de Intelectuais e Artistas, o sr. Comandante João Sarmiento Pimentel endereçou a seguinte carta ao Major Luís Cesarini Calafate:

"É com profunda emoção que o abraçamos, ao acabarmos de saber que está em liberdade, na Venezuela, e que por isso poderá lutar, como homem livre, contra a odiosa ditadura de Salazar.

"Acompanhamos, emocionados, os transes porque passou e tão corajosamente viveu.

"Disponha da colaboração de todos nós, e das páginas do nosso órgão de imprensa, o "Portugal Democrático", que muito se orgulhará em publicar a colaboração que entender enviar-lhe.

"Viva Portugal Livre!".

Solidariedade aos Democratas da Nicarágua

O Comité dos Intelectuais e Artistas Portugueses Pró-Liberdade de Expressão enviou ao sr. dr. Júlio de Mesquita Filho, diretor de "O Estado de S. Paulo" e membro da Associação Interamericana de Imprensa, a seguinte mensagem de solidariedade aos democratas nicaraguenses e muito especialmente ao jornalista Pedro Joaquim Chamorro, que está sendo torturado pela "gestapo" de Somoza:

"Os abaixo-assinados pedem encarecidamente a v. exa., na sua qualidade de membro da Associação Interamericana de Imprensa, que seja porta-voz do referido Comité junto da AII no repúdio ao tratamento brutal de que está sendo vítima o intelectual e jornalista nicaraguense, Pedro Joaquim Chamorro, por parte dos policiais do regime ditatorial dos Somoza, e bem assim contra as medidas de censura ao jornal "La Prensa", de Managua, do qual o referido intelectual e jornalista é diretor.

Acerte v. exa. os protestos da nossa mais elevada consideração.

### "PORTUGAL DEMOCRÁTICO"

A maioria dos leitores do nosso jornal sabem-no, mas é sempre oportuno repeti-lo: "Portugal Democrático" é uma publicação pobre, sem outros fundos que não sejam os das assinaturas e dos subsídios que espontaneamente nos enviam os nossos amigos, isto é, todos aqueles que desejam ver restituídas ao Povo Português as liberdades fundamentais que este sempre mereceu.

Ao iniciarmos uma campanha mundial para a angariação de novos assinantes, solicitamos a todos os nossos leitores que procurem indicarnos os nomes e endereços de democratas portugueses que, por esta e outras formas, desejem participar na grande batalha anti-salazarista.

Lembramos a oportunidade de se constituírem, nomeadamente no estrangeiro, grupos de amigos do "Portugal Democrático", os quais, obtido o assentimento prévio de novos assinantes, poderiam enviar-nos as importâncias correspondentes (por cheque ou por qualquer outro processo) às assinaturas angariadas.

Lembramos a todos os democratas portugueses que da penetração do "Portugal Democrático" nas "colônias" lusitanas espalhadas pelo Mundo depende, em boa parte, o êxito da nossa luta. Colaborem, pois, pelos meios que entenderem mais convenientes, na campanha de novos assinantes para o nosso jornal!

"Dois democratas portugueses residentes na Argentina" remeteram-nos 2.000 cruzeiros (Cr\$ 1.000,00 cada um), importância que destinaram aos fundos do "Portugal Democrático". Que outros lhes sigam o exemplo, para que possamos tornar o nosso jornal ainda mais eficiente.

### CENTRO REPUBLICANO PORTUGUÊS

A Diretoria do Centro Republicano Português prepara-se para dar início a um novo ciclo de suas atividades, de entre as quais pode, desde já, destacar-se o patrocínio que oferecerá ao jantar comemorativo do "5 de Outubro" a realizar em São Paulo.

A referida agremiação projeta também a realização de uma campanha visando aumentar a sua massa associativa. Para esta iniciativa solicitamos a melhor atenção de todos os nossos leitores, esperando que, por todos os meios ao seu alcance, prestigiem o Centro Republicano Português e as suas manifestações.

Os interessados podem enviar as suas adesões para a sede, Rua Conselheiro Furtado, 191, sala 1, telefone 37-0933, em São Paulo.

### ASSOCIAÇÃO "HUMBERTO DELGADO"

No decorrer de um jantar, a Associação "Humberto Delgado", com sede no Rio de Janeiro, homenageou o presidente da União Nacional dos Estudantes, sr. Raimundo Eirado, que acaba de terminar o seu mandato.

A Divisão de São Paulo, recentemente criada, está desenvolvendo intensa ação, no sentido de somar rapidamente grande número de sócios. Por outro lado, estuda já o plano das suas atividades a anunciar em breve. Lembramos que a Divisão de São Paulo da Associação "Humberto Delgado" tem a sede provisória na avenida da Liberdade, 21, 6.º andar, sala 603, telefone 32-9118.

Em Belo Horizonte, já se encontra fundada e em atividade uma "Divisão" da Associação "Humberto Delgado", para a qual solicitamos o apoio de todos os nossos leitores residentes naquela e muitas cidades de Minas Gerais.

Também em Porto Alegre se lançaram já as bases para o funcionamento de uma "Divisão" estadual da Associação "Humberto Delgado". É a onda, irremovível, que alastra...

A todos os dirigentes e associados das agremiações portuguesas do Brasil e de outros países recomendamos, insistentemente, a assinatura de "Portugal Democrático" — um jornal livre ao serviço do Povo Português.

### O GAL DELGADO HOMENAGEIA

O sr. General Humberto Delgado ofereceu ao sr. dr. João Portela Ribeiro Dantas, diretor do "Diário de Notícias", um almôço que se efetuou na "Maison de France" e ao qual assistiram diversos democratas portugueses, nomeadamente o industrial Ricardo Seabra, escritor Tomaz Ribeiro Colaço e jornalista Paulo de Castro. Ouviu-se apenas um discurso: o do Chefe dos Portugueses Livres, que agradeceu ao dr. Ribeiro Dantas a sua valiosa interferência no chamado "caso do asilo".

### "PORTUGAL DEMOCRÁTICO"

— um jornal português que não é submetido à censura do sr. Salazar.

talvez os 70 anos não sejam hoje a velhice; é de temer-se que marquem ainda o seu limitar.

Pessoas prósperas que enriqueceram graças à Liberdade passaram a imaginar que o patriotismo consiste em negar essa Liberdade ao povo de que provieram, e candidamente se converteram em ditadores por procuração — mandam orar missas suntuosas, subvencionam telegramas enfáticos e opulentos, pedem notícias pelo amor de Deus; tudo fazem — até a mobilização de Nossa Senhora de Fátima como vivandeira das suas hostes — no empenho de comprar e dar a ilusão de que o povo português do Brasil, o próprio Brasil, acendem 70 velinhas de devoção para que as assopre um ditador de boas contas.

Ele já não tem ilusões. A unanimidade do instinto popular e do pensamento português, como o Brasil, julgaram e condenaram a medonha experiência a que nos submetem. Alguns, sedentos de violência, muitos desejosos de fórmula para uma rápida evolução, e uns tantos alarmados pelo medo ao que mereceram, todos anseiam por que o pesadelo termine. Com revoltados, caçoteados e assustados, se forma hoje o estandarte trioclor da alma portuguesa. A coquetização dos 3 tons pode dar noite escura, rubro-incêndio, ou cinza, de transição. Não leva a dia claro.

Há três décadas, o Governo português caminha com o amparo de duas muletas: — Censura e Propaganda. A primeira desarraigou e exilou o pensamento; a segunda substituiu-o por uma razão balanceada de palavras. Assim, se produz apenas uma anestesia; é coisa boa para apagar sofrimentos enquanto a cirurgia se cumpre. Pai que eloroforniza o filho para a ablação de apendice inflamado, segue o dever paterno; se o anestesiador porque o pequeno é travesso, e para ter sossego em casa, como o definiremos?

Seguiu esta noção de Governo. Foi amarrado um turbulento menino de oito séculos. Sensatamente, o anestesiador. Que restauros ou curas lhe trouxeram durante o letargo?

Consolidou-lhe a moeda, dizem. É certo, e pertence ao número dos que não recusam valor à obra financeira dos primeiros anos. Mas, durante todo esse período, o franco suíço conheceu a solidéz do esendo. E essa tremebunda Colônia Suíça do Brasil nunca mandou dizer missas pelo desconhecido ou desconhecidos que zelaram as contabilidades de Berna.

Construiu-lhe estradas, dizem. O furista que se percorre, segue para França, cuja desordem política é grande tema das propagandas totalitárias; ali, já sem cicatriz das catastróficas destruições, encontra uma rede de estradas perfeitas. E essa miserável Colônia Francesa do Brasil não manda dizer missas pelos ministros da Viação que as construíram; só porque, de tão numerosos, se arruinava o devoto e se esfalfava o Santíssimo.

Limpou-lhe as ruas, dizem. O higienista e a dona-de-casa que o verificam vão depois à Suécia, olham o mesmo eunho em maior âmbito, porque abrange a aldeia. Estou informado de que a nobre Colônia Suíça do Brasil vive em pulgas para mandar rezar a missa, mas ainda não conseguiu apurar o nome de quem tanto a mereceu.

A culpa é afinal desses desgraçados que, tendo esparzido sobre suas pátrias tão altos milagres, não se lembraram de criar milionários maquinismos de propaganda para o mundo ficar sabendo que eles são divinos. Não se queixem do resultado se ninguém lhes reza por alma.

Páginas de jornal não são páginas de História. Deixemos de lado o quadro de todas as carências e angústias a que deseamos ao cabo de um tão demorado estado de coma.

Ele é honestíssimo, repetem. Quando lhe perguntassem se o considerava capaz de desviar um escudo do Erário para enriquecimento próprio, responderia que não. Também eu o pinto no quadro de uma honestidade metuculosa.

Mas o ditador vive no rico e remodelado palacete comprado à família Sotta Maior, em meio de um parque amuralhado, com estátuas e escadarias de mármore. Junto ao portão fizeram um jardim público, menor que o parque, onde nem as crianças podem brincar.

Por internas comunicações de alívai para o enorme palácio de pedra da Assembléia Nacional, onde concentra o seu mando em escritórios opulentos, decorados pelos melhores artistas.

Se sai, deslizam silentes para le-

vá-lo os automóveis de maior segurança, conforto e preço.

Os serviços montados para endeu-sá-lo ocupam o Palácio Foz, que foi a mais suntuosa residência privada da Europa; anualmente consomem milhões nesse endeuamento do presidente do Conselho, aliás como serviço direto da presidência que ele exerce.

Todos os jornais e publicações são submetidos à prévia censura policial que os escoa de quanto possa importunar o ídolo.

Em mais de uma dúzia de grandes diários, discurso que ele escreve, elogio pago que o enleve ou notícia que lhe convenha, saíram na página com o relêvo que ele quiser.

Fortalezas do século XVIII o aguardam para o repouso à beira-mar.

Se quer honrar estrangeiros insígnies, manda-os servir por estilizados famulos de calção e meia, nutre-os em baixelas de prata, que foram loureiros para d. João V, franqueia-lhes palácios na Ajuda, em Mafra, em Sintra, em Queluz.

Nada lhe pertence, porque tudo isso é do Estado. Limita-se a fazer o sacrifício de ser ele o Estado, obrigatória vitaliciamente.

Assim esse homem sem fortuna, é hoje o mais rico do mundo, pela soma de poder fruído, pela disposição incondicional de palácios e de milhões, pelo número de serventuários que o atendem, pelo montante dos interesses que só a sua vontade rege; nenhum outro consome tanto ouro em pirotécias de louvor, para criar-se uma "glória" em que talvez acredite; nenhum outro converteu em fazenda própria uma pátria multi-secular, que se espria em quatro Continentes. — E para que esse milagre aconteça, dez milhões de enclausurados encostam a testa às grades, vendo passar na estrada perfeita e limpa, entre o clangor de clarins e o incenso de missas, aquele septuagénario honestíssimo que lhes roubou trinta anos de liberdade.

### Casais Monteiro homenageado pelo Vice-Consul de Portugal em Fortaleza

Por ocasião da sua estada de uma semana em Fortaleza, a convite da Universidade do Ceará, o escritor Adolfo Casais Monteiro foi homenageado pelo vice-cônsul de Portugal naquela cidade, tendo-lhe sido oferecido, na oportunidade, um almôço, ao qual assistiram outros destacados elementos da "colônia" portuguesa.

Registramos, com júbilo, este facto, pois demonstra que no Brasil nem todos os representantes do nosso país se consideram obrigados a ignorar aquelas personalidades que não têm o beneplácito do governo, havendo quem se considere no dever de homenagear os representantes da intelectualidade lusa, sem querer averiguar das suas ideias políticas. Com efeito, deve salientar-se que as manifestações de simpatia recebidas por Casais Monteiro foram dirigidas ao escritor ilustre que, no Brasil, tanto vem prestigiando o nome de Portugal, na defesa da Cultura Portuguesa.

### CAMPANHA DO NATAL DO PRESO POLÍTICO

"Portugal Democrático" lança neste mês de agosto a Campanha do Natal do Preso Político que se destina a angariar fundos para que, na noite de Natal, haja um pouco mais de pão na mesa das famílias daqueles que, por terem gritado NÃO ao regime que oprime Portugal, estão encarcerados nas prisões salazaristas e impossibilitados de ganharem o sustento para si e para os seus.

É um dever de todos os democratas ajudar as famílias desses homens que puzeram a defesa dos seus ideais acima de quaisquer considerações de ordem pessoal.

A Campanha do Natal do Preso Político abre com as seguintes contribuições:

|   | Cr\$  |
|---|-------|
| Portugal Democrático  | 1.000 |
| Centro Republicano Português  | 1.000 |
| Comité dos Intelectuais e Artistas Portugueses Pró-Liberdade de Expressão | 1.000 |



Deixo Lisboa com a sensação de que não cheguei a retribuir a Portugal o favor que Cabral nos prestou. Durante oito dias andei pelas ruas, vi o que pude, conversei com portugueses e brasileiros, tropecei no sotaque lusitano, fiz perguntas — ou perguntas —, especulei, confabulei. Só não cheguei a conspirar, porque para tanto me faltava engenho e arte. Do que pude aferir, só uma realidade existe hoje para Portugal, pensando-lhe como um jugo que o viesse escravizando através de séculos e configurado hoje na pessoa de um único homem; homem esquivo e misterioso como Greta Garbo, que não se vê em lugar nenhum, pois vive recolhido a uma fortaleza, mas onisciente e onipresente como um Deus, cujo nome é apenas ciciado temerosamente à boca pequena, ou formulado em tímidos trocadilhos no teatro de revista.

Dêle correm as informações mais extraordinárias: não tolera o convívio senão de senhoras — ou rapazes — de hábitos duvidosos, inspirado nas suas decisões por uma rapariguinha de dezessete anos. Frio, calculista, implacável como o Grande Inquisidor, lívido como um demônio, maneiroso como um diplomata, asfético como um anacoreta, insensível como um cadáver. Existe mesmo quem creia que ele até já tenha morrido. Manuel Mendes, escritor e velho lutador pela causa da liberdade, um dos expoentes da oposição entre os intelectuais, confessou-me, com seu jeito de Rubem Braga português:

— O ditador está morto. Já começou a apodrecer e empestear o ambiente.

Morto ou vivo, porém, até agora

— Não é segredo não — retorquiu o comandante: — É que eu estou rouco.

Prendi fazer uma reportagem sobre a oposição entre os intelectuais portugueses. Difícil é descobrir quem não seja da oposição. Mandei fotografá-los — durante reunião havida numa editora, por ocasião de minha chegada. Reveladas as fotografias, vi que era impossível aproveitá-las: os líderes da oposição estavam todos rindo às gargalhadas.

— É porque no momento alguém anunciava que Salazar havia morrido — justificou-se um deles.

Disse-lhes que eles até pareciam aquê explorador patriótico que foi encontrado com uma faca atravessada ao peito e respondeu, quando lhe perguntaram se não estava doendo: "Dói um pouco quando eu me rio".

### III

Impossível não respirar em Lisboa a mesma atmosfera que antecedeu a queda de Getúlio Vargas em 1945 ou mesmo em 1954. Nós às vezes também ríamos para não chorar. Quem não se lembra da célebre gracinha "tudo passa e Vargas fica"? Acabou passando, e a terra que lhe seja leve. Como Salazar também passará: em Coimbra os portugueses já deitaram manifesto, à semelhança do célebre manifesto dos mineiros, exigindo do ditador a restauração das liberdades democráticas, ou, em outras palavras, exigindo que ele caia fora. Foram centenas e centenas de assinaturas: intelectuais, advogados, médicos, engenheiros, militares, estudantes. O homem nem se mexeu. Mas também não pôde fa-

zeiro". Nem sei se, depois de escrever o que tenho escrito, me darão oportunidade de entrar, novamente como estou pretendendo.

A Érico Veríssimo os salazaristas tentaram envolver numa intriga, anunciando que fora hóspede oficial do Governo e que se deixou servir de instrumento aos intelectuais da oposição. O escritor brasileiro revideou à altura, com uma carta candente enviada lá da Espanha, para onde partiu e — esclarece — onde também não foi hóspede de ninguém, pois não recebe favores dos governos de força. Esta carta foi reproduzida num jornalzinho clandestino e correu de mão em mão depois de mimeografada, fotografada ou impressa em folhetins. Este é o processo atualmente adotado de se veicular idéias contrárias ao regime, muitas das quais formuladas pelos escritores brasileiros. O que quer que se publique no Brasil sobre o regime que tiraniza os portugueses, por mais inofensivo que pareça aos nossos olhos, é arma poderosa nas mãos dos homens dignos de Portugal. É comum ver-se, por exemplo, crônicas de Rubem Braga ou de Gustavo Corção contra Salazar, circulando em folhetos, de mão em mão. Ah, se desenterrássemos tudo o que se escreveu no Brasil ao tempo da queda da ditadura — como seria útil ao leitor português, com apenas alguma troca de nomes e de datas! Vivendo de novo naquele clima, às vezes me dava ímpetos, pelas ruas de Lisboa, de dar vivas ao Brigadeiro Eduardo Gomes. As revistas brasileiras chegam ao leitor português muitas vezes com as páginas arrancadas — mas não raro se esquecem de arrancar o índice e é o bastante para o

avaliar pelos gritos dos presos torturados noite adentro. A Polícia Internacional, que cuida da "segurança interna", é vizinha da Embaixada do Brasil, e a própria embaixatriz, horrorizada, já viu um jovem que tentou escapar aos seus algezes subindo ao telhado e de lá, em desespero, precipitando-se ao solo. Vigilando a Embaixada, porém, os "tiranos" portugueses são uns pândegos: ostensivos, cínicos e sobretudo chatos, criam uma situação ridícula para Portugal e vexatória para o Brasil. Não se limitam a olhar de longe — pára um carro e eles vêm correndo — já bobearam uma vez e não querem cair noutra.

É o famoso secreta português, ao qual só falta o distintivo à lapela. O próprio Embaixador já teve de esconder os de sua porta como ratos, para que não se cheguem muito e comecem a roer o edifício.

— Polícia, para mim, tem de estar fardado — disse a embaixatriz, pedindo ao criado que os afastasse: — Estes aí podem ser até bandidos. O que certamente, eles são.

### VI

A história de Portugal reserva um lugar ao brasileiro Alvaro Lins, se a ditadura de Salazar vier logo a cair, como se espera. Delgado já é hoje uma longa e conhecida história. O General Delgado esteve vivendo num apartamento isolado da Embaixada do Brasil, ao fim de um longo corredor. Alvaro Lins foi discreto a respeito de seu ilustre hóspede, para evitar que qualquer distração de sua parte viesse servir de pretexto para uma chicana de Salazar contra o direito de asilo, le-

do Pôrto, possivelmente a reação seria diferente. O Bispo do Pôrto, que também se chama António, meteu o pau em António de Oliveira Salazar, numa célebre carta em fins de 58, exigindo, em resumo, que ele se retirasse da vida pública — e já iria tarde. Correram logo uns versinhos:

"Entre o António de lá  
E o António de cá,  
Existe grande disputa:  
Um é o filho da Sé,  
E o outro — não é".

Pelas ruas de Lisboa, aliás, as anedotas se multiplicam à sorrelfa:

— Dois mais dois, igual a quatro.  
— Psiu, cuidado! Olhe que Salazar está a prender os intelectuais.

Tive oportunidade de ressusitar algumas velhas anedotas de Getúlio, devidamente adaptadas, e que fizeram grande sucesso. O homem é sempre o mesmo, seja no Brasil, em Portugal ou em qualquer outra parte. A dignidade ferida reage desta ou daquela maneira, mas nunca deixa de reagir e cedo ou tarde se erguerá, ao impulso da chamada justa indignação. Até lá, é o medo, a insegurança, o desemprego, a miséria, ou a própria angústia de viver que vão forjando mil e uma formas de fuga, da ironia ao desespero. Nunca houve tanto suicídio como atualmente neste angustiado país sob a tirania de Salazar. As condições necessárias ao exercício de um mínimo de dignidade vão deixando de existir para todos, indistintamente. Eis porque o próprio tirano não tem mais coragem de botar o nariz fora de casa: difícil lhe seria sobreviver na atmosfera pestilenta que ele mesmo criou.

— O ditador está morto. Já co-

# Réquiem para o dono de Portugal

FERNANDO SABINO

não ousaram enterrar António de Oliveira Salazar.

### II

O Rei está nu. Jamais a velha história do rei que caminhava pela-dou pela rua sem que ninguém denunciase sua nudez teve melhor correspondência que no Portugal onde vive alguns dias de abril. Nem vestido Salazar ousou jamais passar pelas ruas de Lisboa, quem diria nu; mas seu reinado, se não morreu, está mesmo bem agonizante. Ele é o próprio Rei de Copas, Presidente, Ministro do Conselho, Eminência Parda, Salvador da Pátria — tudo isso com que se designa um ditador. Continua sendo o todo-poderoso em Portugal, mas seu poder não há dúvida que está chegando ao fim. Todo mundo sabe disso e não quer dizer. Sente-se no ar uma vaga expectativa de que ele ao menos morra o mais breve possível, na santa paz do nicho em que se recolheu como um urubu, e de onde continua a irradiar a sua suprema vontade. Que será depois dele? Após moi, le déluge. Não tem importância, os portugueses não temem o dilúvio, quem apenas se ver livros do santo de pau óco. Alguns, mais otimistas, esperavam ainda que ele se aposentasse ao completar setenta anos, cumprindo dispositivo legal que ele mesmo decretou, segundo o qual ninguém pode exercer cargo público depois daquela idade. E o Cardeal Cerejeira há pouco tempo deu o exemplo, ao fazer setenta anos, com sua última aula na Universidade. Outros, mais realistas, sabem que o homem não sai de jeito nenhum, a menos que haja uns tirinhos. Quando correu a notícia de que o General Juarez Távora havia chegado a Lisboa, anunciou a vários escritores de oposição que se fizeram meus amigos:

— Dizem que está na terra um professor de conspiração, com longos anos de magistério, e especialista em revoluções e derrubada de ditadores. É meu amigo, se quiserem peço a ele para abrir um curso e ir treinando o pessoal.

Brincadeiras como esta já são temerárias. Assim escritas, então, seriam capazes até de fazer abortar uma revolução, se fosse o caso. Infelizmente, não me parece que seja ainda o caso. Todos esperam que o ditador caia feito um fruto podre, mas me pareceram pouco animados, exauridos em tantos anos de luta inglória. Os escritores querem escrever. O povo quer respirar. E os conspiradores? Estão na cadeia, ou asilados. Conspiração não há. O que há é aquela excitação que antecede as revoltas espontâneas. E caímos na velha anedota:

— Se o inimigo está distante, meu comandante, por que ficarmos cochichando, neste segredo todo?

zer como o nosso, que na época mandou botar na rua todo signatário do manifesto que ocupava cargo público.

O paralelo fatalmente se impõe. As condições podem ser diferentes, mas a situação é a mesma. Só que Salazar atualmente não pode mais — nem ousa — prender todo mundo, quem dirá mandar matar, como fazia antes, por intermédio de sua polícia, tão temível como a de Filinto Müller no tempo de Getúlio. Ficou meio ressabiado com a grita que houve (especialmente na imprensa brasileira, aqui reproduzida clandestinamente, pois a portuguesa nada pôde publicar) com a prisão de quatro respeitáveis intelectuais e homens públicos, entre os quais o nosso estimado Jayme Cortezão e o sociólogo António Sérgio: teve de voltar atrás, e agora eles fazem o que querem, sem que nada lhes aconteça.

Não podem fazer muito: dão entrevistas à imprensa estrangeira (António Sérgio concedeu-me uma, sua casa sob vigilância cerrada da polícia, e pediu que eu escrevesse o que quisesse, não tinha mais medo de nada). Mas são poucos e ninguém se arrisca a seguir-lhes o exemplo; a oposição generalizada, em estado latente, depois do sucesso das últimas eleições, não se arrimenta novamente com tão pouco.

### IV

Érico Veríssimo passou por Portugal como um furacão. Encontrei ecos de sua passagem, no que foi para os portugueses uma das mais desastrosas campanhas contra a ditadura, realizada em conferências, entrevistas pelo rádio, palestras e visitas aos estudantes ou intelectuais nas várias cidades que percorreu. É irresistível a necessidade de falar no assunto, de tal maneira que se impõe. Eu mesmo andei falando; e o que quer que se diga assume, aos ouvidos já mal acostumados do público português, as proporções da mais ousada crítica ao Governo. A simples menção da palavra liberdade soa como um grito revolucionário. Temos de desenterrar do esquecimento velhos chavões e lugares comuns que nos foram tão úteis na luta contra o nosso ditador — já de saudosa memória. Dizer que o escritor deve ser livre para escrever o que bem entende, que a vontade do povo deve prevalecer, que é preciso reagir contra a opressão e a tirania, soa para nós hoje em dia como eloquência barata em discurso de praça pública, mas são palavras que o português ouve com estupefação, admiração e finalmente entusiasmo, porque lhe inflam a consciência da realidade em Portugal de nossos dias. De vez em quando expulsam do país um jornalista mais ousado — como aconteceu a um repórter de "O Cru-

povo saber que o brasileiro continua sofrendo com ele a sua desdita. Numa conferência de Érico Veríssimo, assistida por mais de cinco mil pessoas, em teatro que não comportava senão mil e oitocentos espectadores, um estudante perguntou-lhe a causa, segundo sua opinião, da crise que atravessa atualmente a literatura portuguesa. O escritor brasileiro, que em Portugal é tão popular como no Brasil, respondeu simplesmente: "A censura". Tanto bastou para que o teatro quase viesse abaixo, o próprio conferencista se espantou. E que ninguém ousara até então acusar frontalmente um dos sustentáculos da ditadura de Salazar, a despeito do esforço pessoal dos homens de oposição. Os secretas da "PIDE", que é uma espécie de Gestapo à moda da casa, espalhados pela sala, se mexeram, inquietos, sem saber o que fazer. Os aplausos se prolongavam. Já houvera antes uma ovação de cinco minutos, quando deu entrada na platéia o Embaixador Alvaro Lins — mercê do asilo que concedeu na Embaixada brasileira, apesar das fintas diplomáticas de Salazar, ao General Humberto Delgado.

### V

As coisas em Portugal andam assim: "Não há nada mais terrível a um homem de bem do que a própria censura que se impõe" — disse-me Igrejas Caeiros, produtor de rádio, quando estudava no gravador as respostas que lhe dei numa entrevista, para ver se poderiam ou não ser levadas ao ar. E arriscou-se muito, deixando passar referências à queda da ditadura no Brasil ou uma saudação aos escritores livres de Portugal. Certa vez ele próprio, referindo-se às possessões de Portugal na Índia, onsou dizer que considerava Nehru um dos maiores estadistas de nossa época. Tanto bastou para que fosse proibido de trabalhar como produtor de rádio, locutor ou sequer ator teatral — situação que durou cinco anos, nos quais ficou literalmente desempregado. Prevaleceu-se de uma mudança de secretariado para esquivar-se ao decreto de punição, cujo texto me mostrou, transcrito na carta enviada à direção da empresa em que trabalhava: "trata-se de um homem sem sensibilidade, um português que trai os supremos interesses de sua pátria, indigno de continuar exercendo a profissão", etc, etc. Hoje, de novo trabalhando, ele confessa que perdeu muito do entusiasmo de antigamente, pois está sujeito a ser demitido, ou mesmo, preso, de uma hora para outra, por um dos temíveis secretas de Salazar.

Mas deixa estar que esta polícia especial até que teria a sua graça, não fosse o aspecto macabro de sua monstruosa atividade, que se pode

gitimamente exercido. No dia em que buseou refúgio, embora o ditador negue isso, Delgado ia realmente ser preso às cinco horas da tarde, para depois ser morto por um tiro perdido numa escaramuça de rua. Suas fontes de informação eram seguras, e o General não é homem de se esconder por dá cá aquela palha. Ele que se arriscasse a pôr um pé na rua. Salazar, porém, disse que nada havia contra ele, poderia sair à vontade, ir para o Brasil ou para onde quisesse. Alvaro Lins é que não foi nessa conversa, no que obrou bem — apesar da onda que o diabo de Salazar conseguiu despertar contra ele no Brasil, e das vacilações de nossa política diplomática. "Não me importo de perder nem a vida, quanto mais o cargo", disse-me ele, revelando a sua firme intenção de ir até o fim, na defesa do direito de asilo e da integridade daquele que simboliza hoje em Portugal os direitos fundamentais do homem.

E não é só o nosso embaixador que esteve metido na encrenca. O da Argentina se queixava: "Você é que é de sorte: arranjou com que se distrair, asilando Delgado, enquanto eu passo os dias no marasmo e na rotina". Dois dias depois estourava na Embaixada argentina o Capitão Galvão, companheiro de Delgado e mais perseguido ainda por Salazar, depois de varar espetacularmente o cerco da polícia. Já cumpria pena de dezoito anos, por "crime contra a segurança do regime", quando deu parte de doente e foi recolhido à enfermaria da prisão. Foi ao toilette, logrou saltar a divisão do toilette de senhoras, arrombou uma janela, desceu ao segundo andar, onde amigos, já avisados, o esperavam. Tingiu os cabelos, disfarçou-se de entregador de feira e foi bater à porta da Embaixada da Argentina — já que jamais conseguiria chegar até a do Brasil. E foi um guarda de Salazar que o encaminhou à entrada dos fundos. Entrou, fechou a porta atrás de si e apresentou-se ao funcionário:

— Comunique ao Senhor Embaixador que sou o Capitão Galvão e vim buscar asilo.

O funcionário ergueu os braços, revirou os olhos e desmaiou.

### VIII

É possível que quando isto for publicado a situação em Portugal já tenha evoluído — pelo menos no que se refere aos asilados políticos. Quanto aos que estão presos, não creio que sua situação mude assim tão depressa — muito embora até um padre esteja comendo cadeia sem processo por crime contra o regime. Dizem que ele ao ser preso, pediu permissão ao bispo para reagir — o bispo achou melhor não fazer nada por ora. Se fosse o Bispo

meçou a apodrecer e a empestear o ambiente.

As palavras de Manuel Mendes me voltam insistentes. A ser verdade a morte política de Salazar, seu suicídio se deu no momento em que julgou poder conceder ao povo, por ocasião das eleições, um pouco de liberdade, ainda que a "estritamente necessária". E o povo de Portugal não se deixou saciar. Sentiu cheiro de sangue, do seu próprio sangue derramado nos dias gloriosos de campanha eleitoral, o velho instinto de liberdade se reacendeu. Em vez de voltar a arma contra o peito, como vinham fazendo os desesperançados, descebre agora que pode voltá-la um dia contra o opressor. Renasce uma esperança de melhores dias, e cada cidadão português dá a vida, se for preciso, para mantê-la de pé. Acuado em seu palácio, cercado de sombras e fantasmas, o ditador insiste em se iludir, fazendo, erer que esteja vivo. Está morto, consumido pelo próprio veneno que durante tantos anos destilou. Cumpra apenas enterrá-lo.

**Quando os Lobos Vivam**

Romance de Aquilino Ribeiro  
**A Cr\$ 180,00**

Pedidos à administração de "Portugal Democrático"



OS PORTUGUESES ESPALHADOS PELO MUNDO NA BATALHA...

mais importantes órgãos da imprensa mundial protestam contra a odiosa censura postal exercida pelo Governo português sobre toda a correspondência trocada com Portugal, e em que eu próprio me lamento de saber violada e, por vezes, furtada, a minha correspondência para o nosso país, receio muito que esta carta não chegue às mãos de V. Exa.

Se tal acontecer, isto é se o gangsterismo corrente, habitual, da polícia portuguesa a interceptar, por outras vias a farei chegar ao seu destino.

Tem ela por fim levar ao conhecimento de V. Exa. que tendo sido recebido pela Sociedade Argentina de Escritores (S.A.D.E.) — uma sociedade de escritores livres, independentes, de que o medo não é sócio — aí me foi carinhosamente manifestada a desolação dos escritores argentinos pela situação em que se encontram os escritores portugueses e, de uma maneira geral, a Intelligência portuguesa. Estes nossos ilustres confrades não compreendem, evidentemente, a passividade com que os portugueses suportam tão humilhante situação, mas foram bastante amáveis para nos considerarem apenas infelizes e ignorarem que há entre nós muitos que aceitam resignadamente, como uma fatalidade inenunciável, o seu opróbrio e outros que até, com bastante proveito, o exploram.

Fiz o possível por lhes explicar pelo melhor a nossa apagada e vil tristeza, não podendo, porém assegurar que os tenha convencido, pois eles acreditam menos no prestígio de Portugal no estrangeiro de que se faz eco a imprensa portuguesa do que em certos fatos pouco prestigiosos do nosso calvário na pátria — por último, a perseguição que está sofrendo atualmente Aquilino Ribeiro.

Com muitos cumprimentos, subcrevo-me confrade atento e — meu Deus! — livre.

VENEZUELA

SOLIDIFICA-SE O MOVIMENTO ANTI-SALAZARISTA

CARACAS — No espaço de um mês, tanto a "Junta Patriótica Portuguesa" quanto o "Comité Venezolano Pró-Democracia e Libertad de Portugal" desenvolveram intensa atividade que permitiu reforçar e alargar o movimento anti-salazarista na Venezuela.

E, embora com atraso, queremos começar por lembrar que o "Dia de Camões" foi comemorado por inúmeros democratas, portugueses e venezuelanos. Junto da estátua de Simón Bolívar, o presidente da Junta Patriótica Portuguesa, eng. Costa Mota, colocou um ramo de flores e proferiu uma breve mas veemente alocução sobre a Democracia, enquanto por toda a cidade de Caracas foram distribuídos panfletos, nos quais se lia, nomeadamente: "Es necessário ser livres" — PORTUGAL SI, SALAZAR NO". Os jornais, a rádio e a TV fizeram excelente cobertura da manifestação democrática. Receberam-se inúmeros telegramas de adesão, um dos quais do Presidente Rómulo Betancourt. Entretanto, no dia 30 de junho, os democratas portugueses ofereceram uma recepção em honra dos membros do "Comité Venezolano Pró-Democracia e Libertad de Portugal", à qual assistiram além de dezenas dos nossos compatriotas, representantes das duas Câmaras e dos quatro partidos políticos, membros de organizações anti-ditatoriais, catodricas, etc.

Dois acontecimentos mobilizaram, porém, as conversas em Caracas: o atentado contra o consulado de Portugal e a chegada do Major Calafate. Conforme devem ter divulgado as agências telegráficas, o atentado foi cometido por um jovem de 17 anos, que atirou um "cocktail Molotov" para os jardins do consulado. Preso, declarou na polícia que a sua ação nada tinha a ver com a das organizações democráticas que na Venezuela lutam contra Salazar. Acrescentou que odiava o fascismo e que, por isso mesmo, tudo faria para o destruir. Foi libertado pouco tempo depois, por intervenção do "Comité Venezolano".

Com a chegada a Caracas do Major Luís Cesarini Calafate, que foi recebido por inúmeros portugueses e venezuelanos no aeroporto, a ação dos democratas lusitanos vai reforçar-se, pois o homem que teve de se refugiar na embaixada da Venezuela em Lisboa para não ser chacinado pela PIDE lutará conosco na batalha que comumente estão travando já todos os portugueses livres do Mundo.

Mas a nossa ação não pára, antes se alarga em cada dia. Tanto a Junta Patriótica como o "Comité Venezolano", secundando o "Comité de Intelectuais e Artistas" do Brasil, enviaram telegramas de protesto à União Postal Universal, denunciando a censura que Salazar está fazen-

do a toda a correspondência entrada ou saída de Portugal. Esperamos que a U.P.U. se decida a fazer cumprir o estipulado nos seus estatutos.

Queremos informar ainda os leitores do nosso jornal que a caricatura do ditador ("Portugal Democrático", julho) foi tão altamente apreciada em Caracas que logo se fizeram milhares de reproduções que se distribuíram profusamente e enviaram a toda a parte...

Finalmente, comunicamos que, numa das estações de rádio desta Capital "está no ar", em português, um programa, através do qual se denunciam as atrocidades de Salazar. Em breve, daremos outros pormenores, pois estudamos a possibilidade de fazermos deste programa o porta-voz radiofônico da luta anti-fascista.

NOTA DA REDAÇÃO — Escreve-nos de Caracas o sr. Custódio Carlos A., exortando todos os jovens portugueses a colaborar ativamente na campanha pela redemocratização de Portugal. "Nós, os jovens portugueses da Venezuela — declara —, estamos com a "Junta Patriótica" e dispostos a tudo, inclusive sacrificar a vida para libertar Portugal. Sinto-me venezuelano, mas não esqueço a minha Pátria. Foi do que saí à rua para combater, de armas na mão, a tirania de Jiménez. Os esbirros do ditador feriram-me numa perna, mas ainda me sinto com forças para ir a Portugal — e combater. A tirania foi derrubada na Venezuela; tenho grandes esperanças de que o mesmo sucederá, muito em breve, com a de Salazar. Unamo-nos todos, percamos o medo, combatamos! Abaixo Salazar e castigo para os esbirros da PIDE! Viva Portugal Livre! Viva o "Portugal Democrático"! Avante pela Unidade da juventude Portuguesa!".

Indica-nos ainda o jovem Custódio Carlos A. que à sua carta deram a adesão, entre outros, os seguintes membros da "Juventude Portuguesa" da "Junta Patriótica Portuguesa": Vitor Ramos, João Lopes de Sousa, Osvaldo Martins, José Maria, António Fernandes, Sílvia Pereira, Leopoldo Stauss, Américo Ferreira, Felipe Andrade e Manuel da Silva Peixoto.

Comovidamente, "Portugal Democrático" registra a carta da "juventude portuguesa" de Caracas e incita-a a prosseguir, até à vitória final pela libertação de Portugal.

INGLATERRA

BEVAN E A IMPRENSA CONTRA SALAZAR

LONDRES — Antes e depois da visita a Lisboa da princesa Margarida, a Imprensa britânica comentou larga e áperamente a inoportuna e desta visita, que só beneficiou, afinal, os propósitos propagandísticos do agónico regime salazarista.

Em Cardiff, o líder trabalhista Aneurin Bevan perguntou, num comício de mineiros, a propósito da conferência de Genebra: "Mas o que é a Espanha? E o que é Portugal, onde a princesa Margarida acaba de se deslocar, a fim de reforçar ainda mais os estreitos laços de amizade com a Grã-Bretanha?".

Por seu turno, o "Sunday Pictorial" publicou um extenso artigo, intitulado "Detestável", no qual afirmava, nomeadamente: "O dr. Salazar é o veterano dos ditadores. Durante a guerra civil espanhola esteve claramente ao lado de Franco, sem se comprometer publicamente. No decurso da guerra de 39/45, do mesmo modo, ao serviço do Eixo, apesar de, virtualmente, Portugal continuar sendo o mais velho aliado da Grã-Bretanha. Quando começou a decair a sorte dos nazi-fascistas, os sentimentos do governo português tornaram-se mais calorosos, em relação aos britânicos, passando a ser entusiásticos, na altura da vitória (...). Há, evidentemente, absurdos na política louca dos nossos tempos — para não mencionar o nosso "Times". Nem a princesa Margarida pode ser tida por responsável, nem se lhe pode conceder de má vontade uma viagem a Portugal. Mesmo assim, os conselheiros da Família Real devem compreender que visitas oficiais a um país como Portugal levam a identificá-los com um regime largamente detestado e detestável".

Quando ao "Daily Herald" inseriu um extenso artigo ("Pobreza, corrupção política, cruel polícea secreta"), de que extraímos as seguintes passagens: "... Encontro em Lisboa... No eireunspeco Instituto Britânico com um inofensivo senhor idoso... Foi lá levado com dificuldades; percorremos metade da cidade adormecida, parecemos-nos, passando de ônibus para o taxi, esquivando-nos numa porta de hotel, saindo por outra. "Só para o caso da polícia tentar seguir-nos", explicou o guia. Quando cheguei, o homem que encontrei disse: "Vamos para o jardim. Aí poderei dizer-lhe tudo sem ser interrompido".

Por que toda esta cena de capa e espada? O homem era António Sérgio, de 70 anos, erudito e democrata. Foi um dos quatro anciões presos no forte de Caxias. O crime? Atrevêrem-se a convidar Aneurin Bevan para realizar em Portugal uma conferência sobre "A Democracia no mundo moderno". Sentamo-nos sob uma árvore, no jardim rodeado de altos muros, e eu ouvi dele as razões pelas quais a nossa Princesa não veria a realidade da vida portuguesa. Não seria, porém, um risco para Sérgio esta conversa?

"Na minha idade, não temo Salazar nem os seus camisas verdes", declara Sérgio. No ano passado, nas eleições presidenciais, fui eu quem propus o General Humberto Delgado como candidato da Oposição. E quando ele ganhou as eleições — sim, nós sabemos que ele as ganhou, embora o ditador só lhe concedesse 23% dos votos — a PIDE foi à sua casa para o prender. Mas Delgado tinha sido prevenido e refugiara-se na Embaixada do Brasil. Todo o País ri ainda da maneira como Delgado, agora em paz no Rio de Janeiro, ludibriou os seus perseguidores.

Sérgio perguntou-me: "Por que motivo nem o vosso Parlamento nem o vosso movimento sindical falam contra esta indecência? Não quero interferir na nossa política interna... Mas Portugal é um país da NATO, e não há dúvida de que esta organização foi criada para defender a Democracia no Ocidente"...

No entanto, nem todos os opositores ao regime de Salazar põem, como António Sérgio, as suas esperanças nas palavras e no peso da opinião mundial" (...).

OS CATÓLICOS E A REPRESSÃO...

sa do Evangelho: Bem aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque deles é o reino dos céus".

Certamente, poderá invocar-se o caso de semelhantes processos, ainda mais graves e generalizados, utilizados em países onde triunfou o comunismo, para justificar o que se passa no nosso. A isto bastaria responder que nós pretendemos representar uma civilização que adaptou princípios cristãos, no passo que as sociedades comunistas tiveram, ao menos, a franqueza de negar esse princípio: "o que há de positivo e vital nas democracias ocidentais são ainda valores cristãos: como o culto da pessoa humana, o respeito da liberdade individual, a confiança no direito, a compaixão pelos que sofrem" (Cardeal Patriarca, loc. cit.).

Aliás, mesmo nesses países, algumas vezes de comunistas sinceros e honestos se levantam a protestar contra tais processos, e alguns nos parece terem pago, com humilhações, perseguições e talvez com a própria vida, essa coragem e essa dignidade. Mal seria que o Cristianismo não fosse capaz de inspirar no mundo ocidental pelo menos atitudes idênticas às desses comunistas.

A "NECESSIDADE" DE REPRESSÃO

Outros preferem, pelo contrário, invocar o exemplo do que recentemente se tem passado em França — pátria da liberdade e talvez também um dos mais católicos países do mundo —. Invocam-se sobretudo os casos das torturas na Argélia. Deve, no entanto, notar-se que as condições são completamente diferentes: na Argélia, uma guerra civil sangüinária, um processo psicológico de terrorismo e contraterrorismo, o estado de nervosismo das autoridades em citação permanente, se não justificam, pode pelo menos, explicar os excessos cometidos.

Em Portugal tudo é diferente e os únicos desmandos e crimes, que se tem verificado são umas tantas manifestações públicas, uns papéis clandestinos que procuram contrariar a ação duma censura total, e algumas greves que, na maior parte dos países, não seriam consideradas crimes.

Acrescente-se ainda, para glória da França, o que compensa parcialmente a vergonha dos crimes referidos, que se levantou em todo o país uma onda de protestos, a qual não hesitou em sacrificar um pretense interesse nacional aos superiores princípios da humanidade e do Cristianismo e em que, em primeiro plano aparecem católicos ilustres, algumas vezes o próprio Bispo.

Citam outros, ainda, o exemplo da Igreja Católica que, nos tempos da Inquisição, sancionou torturas possivelmente semelhantes e ainda muito mais graves. Pretende-se assim tirar aos cristãos toda a autoridade para uma crítica leal e honesta, sob pena de serem de acusar a própria Igreja Católica.

Também aqui temos, para julgar a História, situarmo-nos num ambiente e numa época com diferentes

concepções, diferentes hábitos e diferentes níveis de cultura. Foi a obra de educação de gerações sobre a égide da Igreja Católica, a civilização cristã, que tornou hoje inaceitável, no consenso geral dos povos, a repetição de uma nova Inquisição e dos seus processos. A Igreja pode tê-los tolerado ou sancionado indiretamente, de acordo com a mentalidade da época, mas nunca os aprovou em princípio; e, os seus melhores, santos e teólogos, sempre os denunciaram.

No entanto, a condenação pela Igreja de tais métodos em geral, e dos abusos da referida Inquisição em particular, é categórica; e ninguém poderá invocar honestamente a doutrina católica para sancionar métodos que são crimes à face da lei de Deus, e envergonham os povos que os admitem.

O assunto foi tratado ultimamente por Pio XII em dois discursos (4-10-53 e 15-10-54), nos quais diz nomeadamente: "A seriedade, a dignidade da justiça e da autoridade pública exigem a observância estrita das normas jurídicas relativas à prisão do acusado e ao seu interrogatório..." "A constituição do processo deve excluir a tortura física e psicológica e a narco-análise"; e citando uma exortação do Papa Nicolau I (ano 876): "Mas isto nem a lei divina nem a humana o admitem: a confissão não deve ser forçada mas espontânea; não deve ser extorquida, mas voluntária... Renunciad portanto a estas coisas e amaldiçoad o fundo do coração o que, até ao presente, tivestes a loucura de praticar". E pergunta a Pio XII: "Qual de nós não desejaria que durante o longo intervalo decorrido desde então, a justiça não se tivesse nunca afastado desta regra! Ser necessário hoje recordar esta advertência, feita há 1.100 anos, é triste sinal das aberrações do procedimento judicial do século XX".

UM PROBLEMA DE CONSCIÊNCIA

Senhor Professor Doutor Oliveira Salazar:

Os signatários julgam interpretar o sentir de um largo sector da opinião pública e de um autêntico espírito cristão ao porem a V. Ex.ª um problema de consciência.

O que expuseram é suficientemente grave e a doutrina que invocaram suficientemente clara para que, a V. Ex.ª e a si próprios, já não seja legítimo um silêncio prudente ou um pretense realismo político.

Não invocam quaisquer prerrogativas pessoais — que não têm, mas em nome dos princípios cristãos a que, como católicos, V. Ex.ª e eles próprios aderem acima de tudo, julgam dever da sua consciência exigir um esclarecimento amplo, total e definitivo às questões que levantaram.

Fazem-no sabendo que V. Ex.ª como político deverá um dia responder perante a História; e, sobretudo, como homem e cristão, terá de ser julgado por Deus.

Se outros católicos, e também V. Ex.ª, julgarem que os signatários abusam dos seus direitos de simples católicos, resta-lhe a esperança de terem procedido de acordo com as exigências da sua consciência, da mesma forma que eventualmente V. Ex.ª o fará também. E só Deus julgará a todos.

Os signatários esperam de V. Ex.ª os referidos esclarecimentos e providências, para tranquilidade das suas consciências de cidadãos cristãos e satisfação da opinião pública.

1 de Março de 1959.

P. Abel Varzim, P. Adriano da Silva Pereira Botelho, Alberto de Carvalho Martinho Abranches, Alberto Vaz da Silva, Amâncio de Oliveira Filipe Duarte, António Alcada Baptista, António Duarte Arnaut, António Esteves Ladeira, P. António Jorge Martins, António Narino da Silva, Asdrúbal Teles Pereira, Augusto Cunha, Carlos Manzaneres Abecasis, P. Cesar Teixeira da Fonte, Cláudio Renato Marques Teixeira, Edmundo de Jesus Costa, Eduardo Achiles d'Orey, Flávio Ferreira Sardo, Fernão Pacheco de Castro, Francisco Lino Neto, Francisco de Sousa Tavares, Gonçalo Ribeiro Telles, João Bernard da Costa, João Maria Braula Reis, João Gomes, P. João Perestrelo de Vasconcelos, P. José da Costa Pio, José Escada, José Maria das Neves Cruz e Santos, José Paulo de Queiroz e Lencastre, José de Sousa Esteves, José Vieira da Luz Júnior, Manuel Fernandes de Mansilha, Manuel José Bidarra de Almeida, Manuel de Lucena, Manuel dos Santos Lourenço, Manuel Serra, Maria Manuela Brito Bio, Mário Brás, António Santana de Menezes, Mariano Fernando Rasteiro Galado Mateus, Nuno Teotónio Pereira, Octávio Lixa Filgueira, Orlando de Carvalho, Sophia de Mello Brayner Andersen, Victor Manuel Santana, Carlos Wengorowins.

PEQUENA HISTÓRIA...

nhas de navegação aérea e dos diários aos quais envia as notícias, com a condição de estes lhe fazerem os reclamos dos livros que escreve e, por sua vez, são reclamo daquelas companhias sob a forma de reportagem. Se os jornais não lhe fazem os elogios que pretende, ameaça-os de os privar do noticiário de que tem o monopólio. Tudo isto se passa nos bastidores, por meias palavras, por intermédio dos agentes que o tal informador tem nas redações. Quem escreve estas linhas tem, contudo, em seu poder documentos que o provam.

O serviço do papel apanhado do chão ficou exclusivamente a cargo do outro sócio que para o efeito se associou com outro "jornalista", um tal Barradas de Oliveiras, que é o chefe da redação do órgão governamental "Diário da Manhã". Graças aos apoios e subsídios recebidos dos cofres secretos da informação e às complacências que conta nos diversos jornais, a tal ANI é a agência que mais serviço telegráfico fornece à maioria dos jornais, desde o mais importante quotidiano de Lisboa, o "Diário de Notícias", até às mais ignoradas folhas de couve das colônias.

A cavacão do papel apanhado do chão, das notícias roubadas à Imprensa mundial, triunfou. Os seus directores, Dutra Faria e Barradas de Oliveira, até se formaram em letras, para darem a impressão de terem algumas. O Dr. Dutra Faria desistiu de ser romancista e deu-se às grandes reportagens internacionais. É da sua autoria a que fez junto das colônias portuguesas da América, numa choruda missão de informação e propaganda, justa e oportunamente, desmascarada por "Portugal Democrático". O Dr. Barradas de Oliveira reserva-se para o serviço de banca, receber o dinheiro dos bancos e dos cofres públicos e mandar apanhar o papel do lixo por empregados da limpeza dos aviões que fazem escala pelo aeroporto.

Anistia para os presos políticos portugueses e espanhóis

Prosegue em franco desenvolvimento a campanha iniciada pela Comissão Paulista Pró-Anistia dos Presos Políticos Espanhóis e Portugueses (COPAESP), à qual vêm oferecendo a melhor cooperação líderes sindicais e estudantis, organizações democráticas portuguesas e espanholas e, de um modo geral, a população bandeirante.

Em diversos bairros de São Paulo, continuam a realizar-se comícios-relâmpago que estão despertando vivo interesse, ao mesmo tempo que as diferentes comissões de trabalho se mantêm em permanente atividade. Anuncia-se, entretanto, que a grande concentração popular, marcada para 19 de julho, foi transferida para 15 de agosto. A todos os nossos leitores e amigos recomendamos a sua comparencia no local que será oportunamente comunicado através da imprensa diária.

Os orientadores da COPAESP já iniciaram a colheita de assinaturas, esperando-se que somem muitas centenas de milhar os nomes apostos na mensagem que vai ser entregue ao presidente Juscelino Kubitschek, solicitando-lhe os seus bons officios a favor da anistia que se reclama para milhares de presos políticos espanhóis e portugueses. Uma cópia da referida mensagem será enviada à Assembléa Geral da Organização das Nações Unidas.

"Os últimos dias do fascismo Português"

Da autoria da nossa estimada colaboradora, a romancista Maria Archer, deve ser publicado muito em breve, em São Paulo, um livro intitulado "Os últimos dias do fascismo português", no qual se faz o processo do regime salazarista, observado através do clamoroso e ilegal julgamento do Capitão Henrique Galvão, na oportunidade em que este cumpria já uma pesada pena de prisão a que fora condenado anteriormente pela "justiça" ditatorial. Desde já, aceitam-se pedidos para a aquisição de "Os últimos dias do fascismo português" na administração de "Portugal Democrático".



# Os portugueses espalhados pelo mundo na batalha contra Salazar

(Dos correspondentes especiais de "Portugal Democrático")

## PORTUGAL

### Prisões e discursos

LISBOA — Enquanto uma onda de repúdio dia a dia mais vibrante continua varrendo o País, de norte a sul, a polícia política intensifica a sua ação repressiva, prendendo todos os cidadãos, mal erguem um dedo ou abrem a boca...

Aos que se admiram que Salazar persista no poder, apesar de a maioria da população o desejar bem longe do palácio de São Bento, estas linhas introdutórias oferecem a explicação necessária. O povo não tem, sequer, a possibilidade de protestar, pois o país transformou-se, cada vez mais, num sinistro campo de concentração.

Nesta Capital, por exemplo, as lusas prosseguem ativamente e pousos são já os cafés de Lisboa que não receberam, inesperadamente, as visitas dos agentes da PIDE, os quais procedem à revista metódica de todas as pessoas que nos mesmos encontram, esperando, talvez, encontrar nos bolsos dos conversadores os planos da... revolução que derrubará o ditador. Entre outros, receberam estas incômodas visitas os frequentadores dos cafés "Martinho", "Brasileira", "Império", "Glo" e "Paulistana" — para citar apenas os mais conhecidos —, e bem assim outros situados em bairros diversos da cidade.

Segundo informações dignas de fé, idênticas rugas se fizeram em cafés do Porto, Aveiro, Braga, Viana do Castelo e de outras localidades. O modo instala-se mais fortemente no coração dos de pouca fé; mas, em face destes e de outros abusos, alguns se mostram dispostos a lutar por todos os meios — quando chegar o Dia.

Entretanto, os discursos e as manifestações de força ditatoriais sucedem-se. O ditador afirmou a sua "confiança" no regime nos mil e poucos ratos que se reuniram num altar (não se indicou, é evidente, o número dos "convites obrigatórios") para festejar os 27 anos da chefia salazariana. Presidiu ao triste jantar o notório nazi Schultz, ministro do Interior. Dias antes, a pitores-

cos, nomeadamente os padres Abel Varzim e Perestrelo de Vasconcelos, enquanto Manuel Serra, diretor da JOC, recolheu há semanas ao hospital de São José — em perigo de vida. É claro que este tratamento aos católicos não estava na Concordata que Salazar assinou com a Santa Sé. Mas é verdade também que não se previu, então, a famosa carta do Bispo do Porto ao carcereiro dos portugueses.

Não obstante, saibam os democratas do Brasil e do Mundo que a batalha continua. E vencê-la-emos, como disse o líder dos Portugueses Livres, com FÉ, RESISTÊNCIA, AÇÃO.

**Nota da Redação** — Em correspondência especial de Lisboa, "O Estado de São Paulo" publicou (30-7-59) a seguinte notícia, que reproduzimos parcialmente:

"Em edição clandestina, começou a circular em Portugal uma "Carta Aberta a Salazar", da autoria do Capitão Henrique Galvão, presente na Argentina. Ao mesmo, circulando também clandestinamente, foi impresso e distribuído profusamente um artigo do mesmo autor, publicado recentemente na revista carioca "Mundo Ilustrado". A "Carta" tem a forma de um pequeno volume de cerca de 100 páginas e constitui uma verdadeira autópsia de Salazar e do seu regime.

Alarmada, a polícia política procurou, por todos os meios, localizar a tipografia onde foram impressos os referidos documentos, mas nada conseguiu apurar. Procedeu, não obstante, a uma série de prisões, num total de 32, esperando, assim, descobrir os responsáveis pelas edições. Entre os presos, contam-se os srs. J. Rodrigues, Marques dos Santos e F. Rosario. Todavia, as notícias que correm a tal respeito indicam que o autor das impressões não é outro senão o próprio capitão Henrique Galvão."

O mesmo jornal publicou igualmente uma carta do Cap. Henrique Galvão, declarando que só ele e mais dois patriotas portugueses (estes também ausentes de Portugal) eram

mais próprio dizer que foi trágico. A atração extra, o número espetacular dessa festa de circo, seria a visita ao Porto, à Cidade Invicta, no dia 22 de Junho.

Todos os argumentos foram usados, desde a blandícia à ameaça severa (quem não for, é comunista, é da maçonaria) para que o povo acorresse a saudar Américo Tomaz e sua motorizada corte. Mas, pareceu que a cidade se despovoara. A cidade que viera para a rua, em péso e contra a ameaça das baionetas, aclamar o general Umberto Delgado, não parecia ser a mesma que recebeu a visita de Américo Tomaz. Nas ruas, meia dúzia de pessoas, atraídas pelo estardalhaço das motocicletas da escolta presidencial, e pelo grito isolado de "viva Salazar" e "Viva Américo Tomaz", que era soltado por um ou outro agente da PIDE, disfarçado em transeunte, de mão no bolso do casaco segurando a pistola, pronta a fazer fogo em caso de "desacato".

As agências noticiosas distribuíram longos comunicados dando conta do entusiasmo delirante da população portuense pela visita do presidente Tomaz. Fotografias foram tiradas dos arquivos e mandadas para o Exterior, como se fossem flagrantes do triunfo de Salazar e de seus lacaios.

E, passada a visita, alguns agentes da PIDE foram severamente punidos por não terem conseguido prender uma única das pessoas que, nas barbas de Américo Tomaz e dos "grandes servidores" do regime lançam panfletos, como este que reproduzimos:

### PORTUENSES! EM 22, DESPREZAI-O COMO MERECE!

Para 22 de Junho anuncia-se a vinda ao Porto do sr. Américo Tomaz.

Se S. Excelência nos visitasse como Almirante que é, merecia o acolhimento e o respeito por parte da população portuense. Como Presidente da República, cargo que Salazar lhe concedeu, ele deve merecer o desprezo de todos aqueles que foram vítimas da maior fraude política de todos os tempos.

Enquanto o sr. Américo Tomaz se encontrar dentro de muros da Invicta, a população portuense deve afastar-se de todas as manifestações, de tudo e todos que nelas colaborem.

Nesse dia, recorda-te do grito dum grande portuense:  
"NÃO FAZEM NINHO OS MILHAFRES NA CAVERNA DOS LEÕES!"

(Lê, divulga e distribue).

Profusamente, circulou também a seguinte quadra:

"São João veio ao Porto,  
Vestido de marinheiro  
Mas o São João do Porto  
Está no Rio de Janeiro"

### SUÉCIA

A Imprensa denuncia a ditadura salazarista

**ESTOCOLMO** — O conhecido jornal Dagens Nyheter de Estocolmo, publicava recentemente um artigo intitulado "Punho de ferro em luva de veludo".

Destacando a vitalidade nova de que vem dando provas a oposição ao regime salazarista, afirma:

"O sossego enganoso na superfície não era outra coisa senão o resultado duma vigilância policial efetiva. Mas durante o ano passado essa vigilância secreta da polícia, as suas buscas domiciliárias e interrogatórios-relâmpago, não foram suficientes para impedir que a oposição política se manifestasse mais ousadamente. Mais abertamente do que antes, vários grupos da comunidade exigem mudança de Governo. A ameaça mais grave vem da Igreja Católica que agora, cada vez mais, critica as condições sociais, a distribuição antiquada, do século passado, dos ganhos e o analfabetismo, o maior da Europa.

Devido à pressão desta crítica, Salazar, no verão passado, permitiu eleições, ficticiamente livres, do novo presidente".

E depois de comentar a maneira "democrática" como decorreram as últimas eleições presidenciais que teriam dado a vitória ao candidato da oposição, general Humberto Delgado, se não tivessem sido uma farsa sinistra, encerrava o comentário com estas palavras:

"Logo depois da eleição o regime de Salazar mostrou a sua verdadeira natureza. Os partidários do general Delgado foram perseguidos e aprisionados. O general mesmo foi obri-

gado a procurar asilo na embaixada do Brasil, donde ele, apesar da exigência da sua extradição, foi removido em segurança para aquele país.

O seu, não é um caso isolado; três outros cabeças da oposição, nesta primavera, refugiaram-se na embaixada de outros países em Lisboa: uma na da Argentina, outra na da Venezuela e o último na de Cuba.

O governo tentou, como um pai perdoador, apresentar estes políticos fugidos como loucos inofensivos, que com os seus pedidos de proteção só tinham em vista eriar sensação. Ao mesmo tempo continuam as buscas domiciliárias e as interrogatórios secretos — tentativas impotentes para sustar o crescente desenvolvimento da revolta.

A ditadura de Salazar é um regime decadente. Assim como na Espanha a oposição está juntando forças, na expectativa do dia em que o septuagénario, despota absoluto, não terá forças para dirigir as suas tropas policiais".

### CANADA

#### As portuguesas colaboram

**TORONTO** — Podemos garantir aos nossos leitores que a chegada do n.º de Julho do "Portugal Democrático" causou verdadeiro alvoroço entre os milhares de portugueses que vivem nesta cidade. De um modo geral, a reação foi positiva, relativamente aos nossos desejos, embora haja ainda quem receie juntar-se ostensivamente ao nosso movimento anti-salazarista. Mas, abertamente ou não, inúmeros são aqueles que já nos ofereceram colaboração.

Efetivamente, queremos lembrar a todos os portugueses em geral que se encontram espalhados pelo Mundo, e particularmente aqueles que se fixaram no Canadá que nada têm a recear, desde que se encontrem em países democráticos. As próprias leis desses países os protegem. Por isso, desde que sintam a sinceridade da nossa Causa, devem juntar-se em redor de todos os núcleos anti-salazaristas e enfileirar na luta comum contra o inimigo que também é comum: Salazar.

O certo é que, quanto ao "Comité Democrático Português do Canadá", já funciona. Estamos ainda na

sejem colaborar na campanha anti-salazarista.

A Associação Democrática Luso-Argentina enecou, ao mesmo tempo, diversas diligências, estabelecendo contacto, nomeadamente, com associações congêneres. Os seus dirigentes e associados mostram-se cheios de vontade e entusiasmo, no sentido de contribuir ativamente para a democratização de Portugal.

Entretanto, depois de assinada por boa parte dos portugueses residentes neste país, está sendo impressa a mensagem a remeter a Salazar, documento em que se protesta energeticamente contra os criminosos excessos do fascismo do falso monge de São Bento. Esperamos poder divulgar no próximo número de nosso jornal, o texto da referida mensagem.

Com uma assistência numerosíssima, o líder democrata português Henrique Galvão proferiu, no passado dia 18 de julho, uma conferência no Centro Democrático Espanhol de Buenos Aires, subordinada ao tema "Solidariedade Democrática Luso-Espanhola". O orador foi aclamadíssimo e pode indicar-se que a sua conferência foi, talvez, o ponto de partida para uma ação mais decisiva no combate às ditaduras de Franco e de Salazar.

#### Protesto contra a censura postal salazarista

Uma das primeiras manifestações da nável organização foi secundar o protesto do Comité dos Intelectuais e Artistas Portugueses Pró-Liberdade de Expressão, com sede no Brasil remetendo à União Postal Universal a seguinte mensagem:

"Esta Associação, constituída por portugueses livres residentes na Argentina e aqui fixados, atrozmente ferida nos seus sentimentos de humanidade e solidariedade pela tirania que pesa há trinta anos sobre os seus irmãos residentes em Portugal e sujeitos à ditadura do Sr. Oliveira Salazar vem por este meio protestar junto da União Postal Universal contra a arbitrariedade sem nome cometida impunemente pelo Governo de Lisboa e que consiste, para baixos fins policiais da sua política desumana, em exercer uma rigorosa censura postal sobre a correspondência por cartas, telegramas



Os portuenses receberam-no como "ele" merecia — em silêncio...

ea "legião portuguesa" desfilara pelas ruas de Lisboa, sob os olhares e comentários (discretos) da população. Mas ninguém acreditou nesta "manifestação de vitalidade" — nem os pobres legionários...

Da visita do presidente Juscelino Kubitschek, deve salientar-se que a maioria dos portugueses a considera do maior interesse — mas não nesta altura. Trata-se de um golpe de indistância propaganda que o governo fascista pretende conquistar, sabendo-se que a opinião pública brasileira é desfavorável ao autoritário regime de Salazar. Bem desejariamos receber o Presidente do Brasil, mas não antes de, nas ruas de Lisboa, do Porto e de outras cidades e vilas, podermos agradecer-lhe o gesto inaceitável de ter proporcionado abrigo ao Presidente realmente eleito pelo Povo Português — a S. Exa. o sr. General Humberto Delgado.

Na realidade, se o presidente Juscelino Kubitschek vier agora, nem sequer os portugueses poderão saudá-lo como Chefe de um país que, além de fraterno e amigo, é democrático.

E, por entre todo o foguetório de congratulações encomendadas ao ditador, sobrepõe-se a certeza de que no forte da Trafaria mais de uma dezena de oficiais do Exército da Marinha e da Aviação, são interrogados sem desano por estúpidos e arrogantes agentes da "gestapo". Diversos sacerdotes continuam pre-

responsáveis pela impressão e distribuição dos referidos documentos.

#### Os nortenhos repudiam o "presidente"

**PORTO** — O presidente Américo Tomaz acompanhado da numerosa comitiva, percorreu recentemente o norte do País.

No afã de despertar o entusiasmo das populações pelas obras do regime e de tornar simpática a figura do "presidente", os serviços de propaganda não pouparam esforços, nem dinheiro, para transformar num passeio triunfal — de inaugurações e discursos — a viagem de Américo Tomaz.

Foram inúmeras as manifestações "espontâneas" de adesão ao regime salazarista no Bussaco, em Santa Comba, na Guarda. Funcionários públicos tiveram dispensa do ponto, para irem comandados pelos chefes de repetição, aplaudir o "presidente" da República e os "grandes servidores" do regime. Os meradores das ruas por onde passava a caravana eram aconselhados a dependurar coleças nas janelas. O comércio era convidado a fechar as portas, para que empregados e freguezes pudessem estar nas ruas e praças onde os oradores oficiais se esganavam e enrouqueciam louvando Salazar, suas pompas e suas obras.

Do ponto de vista da mobilização das consciências e da presença às cerimónias, o fiasco foi enorme. Diríamos que foi ridículo, se não fosse



"A lata está a fermentar..." (Jornal "Dagens Nyheter", de Estocolmo)

fase de estruturação, mas vamos progredindo. Aos que não têm a coragem de dizer o que sentem, ainda que instalados em países democráticos, queremos apontar o exemplo de algumas senhoras portuguesas que trouxeram o seu apoio ao nosso "Comité" e que se têm afirmado, sem exagero, militantes entusiasmadas.

Em resumo, o nosso programa, neste momento, é ir para a frente. E cá vamos batalhando nesse sentido, cá vamos indo para a frente, e assim continuaremos, ligados aos portugueses de todo o Mundo e da nossa querida Pátria, até que o ditador abandone o poder, à força ou por qualquer outro modo. Pela Democracia Portuguesa, estamos dispostos a tudo. Lutaremos até à vitória!

### ARGENTINA

Em atividade a Associação Democrática Luso-Argentina.

**BUENOS AIRES** — Já iniciou a sua ação a Associação Democrática Luso-Argentina "General Humberto Delgado" de Solidariedade e Cultura, com sede provisória na Avenida Cazon, Tigre, Província de Buenos Aires, onde devem dirigir-se todos os democratas portugueses que de-

e chamadas telefônicas de ou para Portugal, com flagrante infração da "Liberdade de trânsito", garantida pelos convênios da U.P.U. em todos os territórios dos países membros e, portanto, em Portugal também.

A nossa correspondência de negócios e familiar é violada sistematicamente e muitas vezes subtraída.

Dispensamo-nos de juntar novas provas do que afirmamos por desnecessárias, visto que por outras vias elas têm sido nos últimos tempos postas à disposição da U.P.U. e os fatos inofensíveis que referimos são constantemente denunciados pelas agências telegráficas internacionais e pelos mais importantes órgãos de imprensa de todo o mundo.

Esperando da U.P.U. as providências que o monstruoso atentado cometido pelo governo de Salazar urgentemente reclama, subscrevemo-nos muito atentamente", etc.

Uma carta de Henrique Galvão aos escritores portugueses

Com data de 21 de julho, o escritor Henrique Galvão enviou ao presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores, de Lisboa, a carta que passamos a reproduzir:

"Num momento em que as agências noticiosas internacionais e os